

Sessão 16 – Texto 016

OLHARES SENSÍVEIS: RELATO DE PERSPECTIVAS POSSÍVEIS ACERCA DO CLOWN

Área Temática: Cultura

Danielle Cristina Goularte Tótolli¹ · João Alfredo Martins

Marchi² ¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Cênicas UEM, contato: danytottoli@gmail.com

²Prof. De Artes Cênicas do Departamento de Música DMU/UEM, joaomarchi23@hotmail.com

Resumo. *O presente artigo relata a experiência de uma integrante do “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do Clown” (GEC), fundado por Marcelo Adriano Colavitto em 2011 e coordenado atualmente por João Alfredo Martins Marchi. O objetivo é relatar as reflexões acerca da figura do clown proposta pelo GEC. Vimos que é possível sensibilizar o olhar de quem acompanha o grupo sem passar pela iniciação – método sistematizado por Colavitto (2016), o que nos dá subsídio para apontar o clown como um possível instrumento catalisador de relações mais dialógicas.*

Palavras-chave: *Clown. Relato de experiência. Palhaço.*

Introdução

O presente texto visa relatar a experiência de uma integrante do “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do *Clown*” (GEC), alocado na Universidade Estadual de Maringá desde 2011. A proposta do relato surge pela particularidade apresentada pela participante em questão, a qual não passou pela iniciação metodológica do GEC, no entanto, possui outra formação na área da palhaçaria. Ela apenas acompanhou os encontros do GEC como observadora desde Maio/2016 até o presente momento – Agosto/2017. A partir de seus diários de campo, identificamos particularidades expressivas que dizem respeito ao olhar de alguém alheio ao processo em relação à construção e experimentação dos integrantes e *clowns* deste grupo.

Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do *Clown* (GEC)

Em Maringá, a partir do ano de 2011 no curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá, o Professor Mestre Marcelo Adriano Colavitto dá início ao “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do *Clown*”. A Proposta do grupo é embasada na metodologia sistematizada pelo professor, a qual diz respeito a formação e treinamento do palhaço e pode ser vista na obra ‘*Meu Clown: Uma pedagogia para a arte da palhaçaria*’ (2016).

O GEC destina-se, geralmente, a *clowns* que já passaram por uma iniciação ao palhaço. Há oficinas oferecidas em Maringá e região desde 2011 por Marcelo Colavitto. Por meio da iniciação, “o participante começa a compreender os elementos que fundamentam a sua percepção, abordando aspectos a respeito de sua autoconsciência” (COLAVITTO, 2016, p. 47) e, conseqüentemente, de suas características risíveis. Isso

nos leva à pergunta: de que modo isto se dá? Uma afirmação possível é: Por intermédio do erro. “Então, por meio do riso, criamos uma identificação de humanidade que nos localiza e nos seara onde o ser humano é o foco central” (*idem*, p. 51).

Dito de outro modo, o *clown* pesquisado pelo GEC atua numa perspectiva que busca questionar as certezas e sistemas de proteção que criamos em torno da imagem que fazemos de nós mesmos. Tal questionamento nos aproxima de uma humanidade que se sabe distante da perfeição, aceitando e assumindo o erro, o perder-se, o ridículo, o efêmero, o mortal como parte indissociável da condição humana, ou seja, luta por um humanismo pouco em voga em tempos nos quais criamos imagens de nós mesmos como super-heróis indestrutíveis, produtivos, incansáveis, avessos ao erro, sempre felizes, etc.

Minha experiência no GEC

Comecei a frequentar a extensão em maio de 2016. Cheguei na sala tímida, não sabia o que eu encontraria. No entanto, logo de início, alguns exercícios de aquecimento, como um pega-pega, quebraram aquela sensação de intrusa. Embora no momento seguinte ao aquecimento o exercício tomasse um direcionamento para o caminhar do *Clown*, todos participaram. Em minhas anotações, sempre ressaltava a explosão de alegria que manifestava dentro de mim: a simpatia do *Clowns* antigos contagiava e embriagava o ambiente. O estado do corpo era festivo e de muita agitação, de modo que depois, ao sentarmos para olhar as entradas – nome dado às improvisações dos palhaços em cena -, a energia continuava e era percebida na mais alta e sincera gargalhada. Ao final da primeira aula sentamos em roda para cada participante compartilhar suas observações, tanto os antigos como os novos, pois naquele momento os novatos ainda não haviam passado pela iniciação.

Comecei a participar das aulas, fiz pelo menos duas ou três antes da “iniciação”. Desta não quis participar por medo; não sei explicar, é como se meu corpo respondesse sim e minha mente não. Toda vez que eu saía da aula eu queria mais, no entanto de alguma forma eu dizia a mim mesma “não tente” (Diário de campo, Maio de 2016).

Durante a “iniciação” não pude participar dos encontros, pois esse sigilo faz parte da metodologia utilizada, que no caso, faz referência ao método sistematizado por Marcelo Colavitto (2015; 2016). Ao longo das semanas que esperei para voltar aos encontros fui recheando-me de curiosidade. O burburinho de quem participava era grande, uma vez ou outra escapava um comentário, mas logo vinha a frase “não posso contar” (Diário de campo, Junho de 2016). Fiquei intrigada, mas de certa forma ansiosa pelo resultado, e estava feliz pelos que “nasceriam”.

Os próximos encontros seguiam com o aprendizado de todos, novos, velhos e outros (que ainda não haviam passado pela parte da iniciação). De modo geral, nos exercícios práticos “os outros” participavam, como por exemplo nos alongamentos e aquecimentos. Num segundo momento do treinamento do GEC, quando era mais direcionado ao andar do *clown* e expressões corporais, nas primeiras aulas eu participei, mas em alguns exercícios práticos me sentia muito incomodada, parecia que eu era intrusa, que não fazia parte daquela experiência, mas de alguma forma senti que o grupo percebia, porque não ficávamos para trás, logo estávamos no jogo também, às vezes pelo simples gesto ou olhar de algum *Clown* eu era tragada para a Brincadeira.

Quando participava dos jogos e deixava meu corpo livre, aberto, sem pensar nas ações e assim, experienciava muito mais, me divertia. Ao longo dos jogos percebi que o nível de comprometimento e espontaneidade caía ou subia conforme minha preocupação ocupava minha cabeça – por não ter passado pela iniciação, ora estava livre e solta, ora me via saindo do jogo e da sala por não me sentir à vontade – alguns pensamentos perguntavam, por exemplo, se eu poderia fazer da maneira que eu havia compreendido o comando do professor durante alguns exercícios. Os momentos que me sentia distanciada ocorriam quando não estava inteira nos jogos: assim, me afastava e continuava olhando os demais. De todo modo, relato que a energia é imensa, contagiante. Não tem como ficar triste ou abatido vendo tanta espontaneidade, principalmente nos jogos lúdicos, como por exemplo, num em que os *clowns* estavam caminhando pela sala, cada um com uma sensação – alegria, espanto, medo, raiva, etc. Tais momentos contagiavam tanto que, ao fazer os jogos e compartilhar dessa energia, era todas as vezes movida por uma felicidade constante, não parava de rir e não queria parar de rir. Para uma percepção mais profunda, era como se só existisse aquele espaço, aqueles momentos; e eram os mais felizes.

Considerações finais

A presença dos *clowns* permitiu que eu fizesse comentários das minhas próprias experiências e atitudes, conviver com eles me ajudou a refletir sobre aspectos da vida que antes nunca foram pensados. O *Clown* é a alma corporificada no momento da espontaneidade. Nessa fração do tempo somos tortos, rimos de forma engraçada, pisamos errado, brincamos como nossa criança interior e ela não vê religião, classe social, posição política, cultura e nem cor. A criança nos leva a enxergar a vida de forma mais leve e simples e, deste modo, os problemas antes monstruosos que devoravam nossa energia passam a ser pequenos.

Referências

- BOLOGNESI, M. Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BURNIER, Luís Otávio. *A Arte de Ator, da técnica à representação*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2009.
- COLAVITTO, Marcelo Adriano. *O Clown E A Criança: Poéticas de resistência*. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profa Dra Verônica Regina Müller. Maringá, 2015.
- _____. *Meu clown: Uma Pedagogia para a Arte da Palhaçaria*. Curitiba: CRV, 2016.
- LECOQ, Jacques. *O Corpo Poético: uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: Senac, 2010.
- TEATRO, Lume. *Núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais de Unicamp*. Unicamp. Disponível em: < <http://www.lumeteatro.com.br>>. Acesso em: Jan, 2017.
- THEBAS, Cláudio. *O Livro do Palhaço*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

Sessão 20 – Texto 203

Rebatendo sobre duas rodas: adaptação do badminton para pessoas com deficiência física

Área Temática: Saúde

Gabriel Henrique Ornaghi de Araujo¹, Juliana Dias Breves², Letícia Emanuelle de Freitas³, Dr. Décio Roberto Calegari⁴

¹Aluno do curso de Educação Física, DEF/UEM, contato: ornagh.gabriel7@gmail.com

²Aluna do curso de Educação Física, DEF/UEM, contato: julianadias963@hotmail.com

³Aluna do curso de Educação Física, DEF/UEM, contato: leticia_maanu@hotmail.com

⁴Docente do curso de Educação Física, DEF/UEM, contato: deciorc@gmail.com

Resumo. *O paradesporto vem sendo praticado por pessoas com deficiência física no intuito de superar suas capacidades em prol de seu bem-estar físico, psicológico e social. O Parabadminton é uma modalidade em que a participação dos paratletas se dá através de adaptações que seguem as regras estabelecidas pela Federação Mundial de Badminton (BWF). Por meio do Programa de Atividade Física Adaptada (PROAFA) três paratletas iniciam o Parabadminton em Maringá. O objetivo deste trabalho é descrever o Parabadminton, particularmente: método de treinamento, impacto social e técnico. Foi identificado que os treinamentos objetivaram o aperfeiçoamento da movimentação dentro de quadra durante o jogo e a aprendizagem técnica dos golpes básicos, além disso identificou-se uma melhora na autoconfiança e sociabilidade.*

Palavras-chave: *Parabadminton; Esporte Adaptado; Sociabilidade.*

1. Introdução

O paradesporto vem sendo praticado cada vez mais devido à busca por qualidade de vida pelas pessoas com deficiência física. Tal ato visa superar suas capacidades em prol de seu bem-estar físico, psicológico e social. Segundo Melo e López (2002, p.1) “É a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias a sua deficiência e promover a integração do indivíduo”.

O esporte adaptado consiste em modificações e adaptação de materiais, regras e de espaço, possibilitando a participação de pessoas com deficiência em diversas modalidades esportivas (DUARTE; WERNER, 1995). Essa participação vai desde a sua reabilitação até a prática no esporte adaptado de rendimento. Ao abordar o termo “reabilitação” de pessoas com deficiência, Pereira (2009) afirma que a intencionalidade pode estar direcionada à restauração de determinadas funções ou ao vínculo do processo de participação social desses sujeitos. Dessa forma, as ações de reabilitação buscam desenvolver os recursos pessoais e as habilidades de jogadores, bem como promover a inclusão de pessoas com deficiência frente às diversidades de condições e demandas.

A Universidade Estadual de Maringá (UEM) desenvolve o Projeto de Atividade Física Adaptada (PROAFA) em parceria com o Departamento de Educação Física (DEF), que tem como objetivo proporcionar inclusão, valorização social, saúde e qualidade de vida para pessoas com deficiência, por meio da prática de diversas

modalidades esportivas. Portanto, almeja promover a melhoria na autoconfiança e aprimoramento das capacidades físicas gerais dos atletas participantes. A novidade do PROAFA é o Parabadminton, uma adaptação do badminton tradicional para que pessoas com deficiência possam praticá-lo com sucesso

As principais adaptações do Parabadminton estão relacionadas aos seguintes aspectos: 1) às categorias, nivelando os atletas de acordo com seu tipo de deficiência; 2) à quadra (diminuição da área de jogo quando necessário, como no caso dos atletas que utilizam cadeira de rodas e dos atletas com comprometimento dos membros inferiores);

3) e aos equipamentos adicionais (cadeira de rodas específica para a modalidade, muletas e próteses).

A classificação funcional de atletas no Parabadminton segue as regras regidas pela Federação Mundial de Badminton (BWF), nelas estão presentes seis categorias, sendo destinadas para usuários de cadeira de rodas (UCR) duas classes, divididas em WH1 e WH2 (W de wheelchair) e quatro classes para não UCR, divididas em SL3, SL4, SU5 e SS6 (S de standing). A categoria destinada para UCR contempla: a) a classe WH1 que participam atletas com equilíbrio corporal (classificado em moderado ou ruim); e b) a classe WH2 que participam atletas com bom equilíbrio.

A prática efetiva desse paradesporto é produto de um plano de treinamento desenvolvido semestralmente, que visa desenvolver as capacidades físicas, técnicas e táticas dos atletas dentro da modalidade. Assim, por intermédio do desporto adaptado é possível proporcionar condições para que pessoas com deficiência também participem de competições e busquem atingir o seu mais alto nível de rendimento. Sob essas considerações, esse estudo objetiva investigar e compreender a prática do Parabadminton dentro da Universidade Estadual de Maringá, com ênfase na descrição da rotina de treinos, do impacto no desenvolvimento das destrezas físicas dos portadores de deficiência e do impacto social gerado pela transmissão de valores sócio-culturais.

2. Metodologia

A pesquisa é caracterizada como descritiva de natureza qualitativa, que consiste em analisar empiricamente a inserção do Parabadminton na UEM, o método de treinamento, o desempenho dos jogadores e o atual cenário desta modalidade. Os treinos da modalidade foram acompanhados e caracterizados, sendo registrados por meio de observação e diários de campo.

Participam dos treinamentos três paratletas do sexo masculino e dois técnicos voluntários do PROAFA-UEM. Durante os treinos, foram aplicados exercícios que objetivavam a melhora dos fundamentos técnicos e táticos, bem como dos aspectos físicos, de acordo com a necessidade de cada paratleta.

Para esse estudo, foi realizada uma programação de acompanhamento dos treinos e caracterização dos mesmos.

3. Resultados e Discussão

A prática do Parabadminton na UEM foi possível por meio do trabalho voluntário de um técnico e de um atleta de Badminton que, com o apoio e incentivo do coordenador do PROAFA, iniciaram os treinos com três paratletas. As atividades desta modalidade

ocorrem no bloco M07 do Departamento de Educação Física (DEF) todas às terças-feiras no período das 19h00min às 21h00. Os paratletas participantes são pessoas com deficiência física, sendo dois com deficiência adquirida por amputação de membro inferior e um com deficiência congênita proveniente da paralisia cerebral. Os três utilizam cadeira de rodas específica para prática esportiva e são classificados como UCR WH2.

Durante os primeiros treinos, foi observado o trabalho da técnica e das capacidades físicas dos paratletas. Inicialmente, os técnicos ensinaram técnicas básicas para a prática da modalidade, dentre elas, os primeiros golpes aprendidos foram *Clear*, *Drop*, *Backhand* e *Forehand*. No plano de treino foram desenvolvidos exercícios que estimulam o aperfeiçoamento da movimentação dentro de quadra durante o jogo.

Com o decorrer dos treinos, os paratletas foram evoluindo tecnicamente. Entretanto, durante o mês de julho a rotina de treino foi afetada tendo em vista que esses atletas são participantes de outras modalidades e precisam cumprir o calendário de competições. Essa evolução se retomou após o mês de julho, os treinos se intensificaram e a dedicação dos paratletas foi condizente com os estímulos durante a rotina de treinamento.

Diante da observação e análise dos treinos identificamos que os atletas de parabadminton se classificam como indivíduos que se encontram na fase de especialização motora. De acordo com Krebs (1992), a fase de especialização motora se caracteriza pela busca do desempenho da melhor técnica por meio da tarefa, na qual o plano motor que será realizado é totalmente definido pelos técnicos. Nessa fase estão presentes também os fatores socioculturais em que eles se dedicam exclusivamente a prática do esporte adaptado.

Em relação a desdobramentos do projeto, destacamos a ampliação das atividades dos participantes, como ocorrido no evento da III Etapa Estadual de Badminton e Parabadminton do Paraná organizado pela Badminton Federação Paranaense (BFP) em Curitiba-PR entre os dias 07 e 10 de setembro de 2017. Os paratletas do PROAFA garantiram 2 medalhas de ouro, 1 de prata e 1 de bronze na categoria UCR WH2, sendo parabenizado pela BFP, por sua participação inédita já obtendo bons resultados. Com isso os paratletas voltaram para casa confiantes e dispostos a enfrentarem novos desafios.

Gurdovicht (1962, p. 195) apud González (2007, p. 3) entende a sociabilidade como elemento que constitui os ingredientes que compõem a realidade social do indivíduo, ou seja, suas múltiplas formas de estar vinculado com o todo, essa manifestação das relações pessoais permeia diferentes graus de atualidade e virtualidade, nos quais se combinam em todo grupo, classe e sociedade global. A sociabilidade entre os técnicos e os paratletas é caracterizada por meio de uma relação interpessoal estabelecida antes, durante e após os treinos, essa interação demonstrou liberdade e confiança entre os mesmos.

Em decorrência da relação social estabelecida durante os treinos, identificamos o impacto social do Parabadminton por meio da caracterização da sensação promovida pela evolução técnica dos atletas na qual revela a elevação da auto-estima dos mesmos, um sentimento de competência e independência social, além disso, observou-se uma maior capacidade de concentração durante a prática de técnicas específicas. Identificou-se também em cada atleta que a manifestação corporal por meio do esporte lhes

promove sentido e significado e identidade pessoal. Para Gorgatti (2005) além da melhora geral da aptidão física, o esporte adaptado auxilia no ganho de independência e autoconfiança para a realização das atividades diárias, além de uma melhora do autoconceito e da autoestima.

4. Considerações Finais

Foi identificado que os treinamentos objetivaram o aperfeiçoamento da movimentação dentro de quadra durante o jogo e a aprendizagem técnica dos golpes básicos. Esse tipo de intervenção na extensão tem relação com a prática desportiva voltada para a promoção da saúde, embora também qualifique os participantes para competições.

Na cidade de Maringá, não existe a prática do parabadminton fora da UEM. Como o projeto é recente, os resultados são incipientes para conclusões. Todavia, por outro lado, este é um registro da memória de um paradesporto inédito na cidade. Não obstante a pequena população de praticantes, recomendamos essa modalidade a pessoas com amputação de membros inferiores, paralisia cerebral e paraplegia, pois proporcionaram uma melhora na autoconfiança e sociabilidade.

Referências

BADMINTON WORLD FEDERATION (BWF). *Lawsof badminton*. Disponível em: <http://www.bwfbadminton.org/file_download.aspx?id=422701&tid=1>. Acesso em: 02. Set. 2017.

DUARTE, E.; WERNER, T. *Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências*. In: Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância. Rio de Janeiro: UGF, 1995.

GONZÁLEZ, F. J. *Sociabilidades e práticas corporais: Leitura de uma relação*. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. (Orgs.). *O Esporte na cidade: Estudos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 13-27, 2007.

GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs.). *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. Barueri: Manole, 2005.

INTERNATIONAL BADMINTON ASSOCIATION FOR DISABLE PLAYERS (IBAD). *Laws: badminton for disablepeople*. Appendix 5, January, 2009. Disponível em: <www.internationalbadminton.org/file_download.aspx?id=11628>. Acesso em: 02. Set. 2017.

KREBS, R. J. *Da estimulação à especialização: primeiro esboço de uma teoria de especialização motora*. *Revista Kinesis*, Santa Maria, n. 9, p. 29-44, 1992.

MELO, A. C. R.; LÓPEZ, R. F. A. *O Esporte Adaptado*. *Revista Digital*, Buenos Aires, v.8, n.51, 2002, p. 01-02. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd51/esporte.htm>>. Acesso em: 03. Set. 2017.

PEREIRA, S. O. *Reabilitação de Pessoas com deficiência no SUS: Elementos para um debate sobre integralidade*. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2009.

A ALFAVACA COMO EXEMPLO DA IMPORTÂNCIA DOS NOMES POPULARES E CIENTÍFICOS DAS PLANTAS MEDICINAIS

Área Temática: Saúde

Mathiele I. L. de Oliveira², Jonson R. F. Júnior³, Adriana L. M. Albiero¹

¹Prof.a Dra. Adriana Lenita Meyer Albiero DFA/UEM, contato: almalbiero@uem.br

²Aluna do curso de Farmácia, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: mathiele@hotmail.com

³Aluno do curso de Ciências Biológicas, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato:

jonson_farias@hotmail.com

***Resumo.** O Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM (Mudi) configura-se como o maior Museu de Ciência da região Norte-Noroeste do Paraná, contando com diversos espaços temáticos. Dentre eles está o laboratório de botânica, que é um ambiente de pesquisa aberto ao público, e um horto de plantas medicinais e aromáticas com 42 espécies, dentre as mais utilizadas na medicina popular da região de Maringá (PR), o que inclui espécies e variedades de alfavaca e manjerição. O Mudi é um ambiente de educação não formal que tem como principais visitantes os discentes do Ensino fundamental, médio e comunidade em geral, alcançando medidas anuais de 16 mil pessoas em sua sede. As informações obtidas na literatura científica são repassadas por meio de pequenas palestras, discutindo sobre a importância do reconhecimento das plantas. Espera-se que os visitantes do Mudi aproveitem os conhecimentos repassados e incluam a importância das plantas medicinais em suas vidas.*

***Palavra Chave:** Mudi, Ocimum, óleo essencial.*

1. Introdução

O uso de plantas no tratamento e na cura de enfermidades é tão antigo quanto à espécie humana. Ainda hoje nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais elas são comercializadas em feiras livres, mercados populares e cultivadas em quintais residenciais (MACIEL, 2002). Os estudos relacionados com a medicina popular, que vêm ganhando destaque no cenário mundial, têm se propiciado do uso de chás, tisanas e tinturas há tempos arraigados pela população, fazendo com que, na maioria dos países ocidentais, os medicamentos de origem vegetal sejam retomados de maneira sistemática e indicados na profilaxia e no tratamento das doenças, ao lado da terapêutica convencional (VALE NB, 2002). Os chineses, há mais de 5.000 anos, conhecem a importância das plantas medicinais para o tratamento dos mais variados males e, até hoje, as utilizam com grande eficácia na curade diversas doenças, juntamente com medicamentos da medicina moderna (KOVALSKI et al., 2012). O conceito mais equivocado, e que envolve as plantas medicinais, é o de que as elas não representam quaisquer riscos para a saúde humana, por serem naturais e terem sido testadas, através de séculos de utilização, pela população de todo o mundo (VEIGA e PINTO, 2005), fato que perdura até os dias

atuais. A falta de informações adequadas sobre as propriedades das plantas medicinais (principalmente das exóticas), seu consumo concomitante com os medicamentos tradicionais (alopáticos), sem aviso ao médico e, finalmente, a perda do conhecimento sobre os efeitos medicinais e tóxicos das plantas, são discussões que devem ser continuamente propostas, tendo em vista os riscos para a saúde humana, conforme puderam concluir Albuquerque e Hanazaki (2006). Dentre as plantas medicinais e aromáticas cultivadas no Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM (Mudi) está a alfavaca, tendo o presente estudo o objetivo de recolher dados sobre tal espécie, com ênfase nos nomes populares e científicos, e repassá-los aos visitantes do Mudi.

2. Materiais e Métodos

O presente estudo foi desenvolvido nas dependências do Mudi, localizado no Campus sede da Universidade Estadual de Maringá. Devido ao seu caráter dinâmico e interdisciplinar, as visitas desse Museu de Ciências podem ser individuais ou em grupo, mas sempre são acompanhadas por monitores, na maioria, acadêmicos de cursos de graduação da mesma instituição.

Os resultados obtidos com pesquisas científicas em artigos científicos, em relação às espécies e variedade popularmente denominadas de alfavaca ou manjerição serão repassados aos visitantes do Mudi, de acordo com os preceitos da educação não formal, com diálogo e discussões.

3. Resultado e discussão

As espécies do gênero *Ocimum* (família Lamiaceae) que ocorrem no Brasil são: *Ocimum africanum*, *O. americanum*, *O. basilicum*, *O. campechianum*, *O. carnosum*, *O. gratissimum*, *O. hassleri*, *O. nudicaule*, *O. ovatum* e *O. transamazonicum*, com distribuição em todas as regiões brasileiras. Quanto aos domínios fitogeográficos, desse grupo de plantas pode ser encontrado na Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. As espécies endêmicas do Brasil são *O. nudicaule*, citada para as regiões Centro-Oeste (Mato Grosso), Sudeste (São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul), e *O. transamazonicum* encontrada na região Norte (Tocantins), Nordeste (Maranhão) e Centro-Oeste (Goiás), segundo as informações da Flora do Brasil (2017). Nesse gênero de plantas estão espécies herbáceas até subarborescentes, fortemente aromáticas, que podem ser perenes ou anuais, além de muito ramificada (Blanket et al., 2007). Segundo Couto (2006), atingem cerca de 0,6 a 1,0 m de altura, apresentam caules e ramos pilosos quando novos, folhas simples, opostas cruzadas, de formatos e tamanhos variados, enquanto que as inflorescências são do tipo cimeira espiciforme, com flores brancas, rosa ou arroxeadas.

Devido ao grande uso como ornamental, condimentar, medicinal, aromático, na indústria de perfumaria e de cosméticos as espécies de *Ocimum* são conhecidas por alfavaca e/ou manjerição, havendo uma grande confusão quanto ao uso desses dois nomes populares. As espécies que se destacam são: *O. basilicum* (Figura 1), originário do Norte da Índia, sendo conhecida por alfavaca, manjerição-alfavaca, alfavaca-cheirosa, basilico ou manjerição-comum (Favorito et al., 2011), tendo ação como estimulante digestivo, antiespasmódico e antisséptico. Os constituintes majoritários em seu óleo essencial são o metilchavicol, o eugenol, o linalol, o 1,8-cineol, o cinamato de metila, o geraniol e o timol (Soares et al., 2007). Outras espécies que se destacam é *O.*

gratissimum, cujo centro de origem é a África. Tal planta é conhecida popularmente como alfavaca-cravo, emostra alto teor de eugenol (40-66%) e timol (31%), em porcentagem relativa do teor de seu óleo essencial (Félix et al., 2012) Nessa espécie, a atividade antioxidante do extrato bruto e do óleo essencial das folhas foi comprovada através do método do tiocianato férrico, segundo Pereira e Maia (2007).



Figura 1: Aspecto geral de *Ocimum basilicum*.

Ocimum basilicum é conhecida mundialmente e possui inúmeras variedades (formas agrônômicas), fazendo parte de um grupo de plantas medicinais e aromáticas de grande valor econômico, muito utilizado para diversos fins. O que fornece o aroma que sentimos os princípios ativos voláteis que possuem, em geral os terpenos. Essa planta medicinal possui grande aplicação na perfumaria, cosmética, alimentos e como coadjuvantes em medicamentos, sendo empregada, principalmente, como aromas, fragrâncias e fixadores de fragrâncias (Bizzo et al., 2009).

No Mudi recebemos visitantes do ensino fundamental, médio e comunidade. Durante as visitas são proferidas pequenas palestras, e nelas verifica-se que o conhecimento das crianças e dos jovens em relação às plantas medicinais é muito escasso, com informações que foram obtidas de outras pessoas, amigos e familiares. Essas informações não se mostram suficientes, pois alguns visitantes demonstram que têm contato com tais plantas, mas outros relatam nunca as terem visto. Nesse momento é destacada a importância dos nomes populares e científicos das plantas medicinais, a fim de que não ocorram confusões ou enganos quanto à espécie a ser utilizada.

Referências

BIZZO, Humberto R. *Óleos essenciais no Brasil: aspectos gerais, desenvolvimento e perspectivas*. Quim. Nova, v. 32, n. 3, p. 588-594, 2009.

BLANK, Arie Fitzgerald. *Maria Bonita: cultivar de manjeriço tipo linalol*. Pesq. agropec. bras., Brasília, v.42, n.12, p.1811-1813, dez. 2007.

COUTO, Mery Elizabeth *Coleção de plantas medicinais aromáticas e condimentares*. Pelotas: Embrapa Clima Temperado Documentos, 157, jul. 2006.

FAVORITO, P.A.. *Características produtivas do manjeriço (Ocimum basilicum L.) em função do espaçamento entre plantas e entre linhas*. Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, v.13, especial, p.582-586, 2011.

FÉLIX, S. J.; *Identificação botânica e química de espécies vegetais de uso popular no Rio Grande do Norte, Brasil*. Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu, v.14, n.3, p.548-5

KOVALSKI, M. L.; OBARA, A.T.; BONATO, C. M. *O conhecimento científico e popular das plantas medicinais*. 1.ed. Maringá: Massoni, 2012.

MACIEL, Maria Aparecida M. *Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares*. Quim. Nova, Vol. 25, No. 3, 429-438, 2002.

PEREIRA, Cíntia Alessandra Matiucci. *Estudo da atividade antioxidante do extrato e do óleo essencial obtidos das folhas de alfavaca (Ocimum gratissimum L.)* Campinas, 27(3): 624-632, jul.-set. 2007.

SOARES, Rilvaynia Dantas. *Influência da temperatura e velocidade do ar na secagem de manjeriço (ocimum basilicum L.) com relação aos teores de óleos essenciais e de linalol*. Jul./ago., 2007.

VALE Nilton Bezerra. *A farmacobotânica, ainda tem lugar na moderna anestesiologia?* Rev Bras Anestesiol 2002; 52(3): 368-80.

VEIGA. Valdir F. Junior. *Plantas Medicinais: Cura Segura?* Quim. Nova, v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.

ALBUQUERQUE Ulysses Paulino de *As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas*. Rev Bras Farmacogn. v.16 (Supl), p. 678-689, 2006.

Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 04 Set. 2017.

**DESENVOLVENDO NOVAS ESTRATÉGIAS NO
PROJETO: INSERÇÃO DE AÇÕES EM SAÚDE BUCAL
JUNTO À PASTORAL DA CRIANÇA NOS MUNICÍPIOS
DE MANDAGUARI E SARANDI – PR. 15.º FOREXT UEM**
Área Temática: Saúde

**Bruna Xavier Bezerra¹, Diogo H. Nakaie², Isabela I. Kussaba², Isabela R. G. Silva²,
Kamilla E. Souza², Maysa Koster², Claudio F. S. Junior², Leonardo A.
Delanora² Samuel de L. Kaik², Giovana Romano², Tatiani Just², Andressa Miotto²,
Fernanda C. Petri², Natália E. P. Kido², Giulia de O. Collet², Marcelo Seron²,
Vanessa C. Veltrini³, Flávia M. Martins⁴**

¹Acadêmica do curso de Odontologia, bolsista DEX/UEM, contato: brunaxb.bx@gmail.com

²Acadêmicos do curso de Odontologia, contato: uempetodonto@gmail.com

³Prof.^a Departamento de Odontologia, tutora do grupo PET-Odontologia/UEM, contato:
vanessaveltrini@gmail.com

⁴Prof.^a Departamento de Odontologia, coordenadora do Projeto de Extensão, contato:
flamatarazzo@gmail.com

Resumo: *Este trabalho visa relatar as atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão Inserção de Ações em saúde bucal junto à Pastoral da Criança nos municípios de Mandaguari e Sarandi – PR, durante o ano de 2017, que consistiram em capacitar as líderes das pastorais através de palestras e atividades metodológicas sobre assuntos pertinentes à saúde bucal das crianças atendidas, ampliar o programa quanto ao número de atendimentos ao ano e acompanhar as atividades já realizadas, além do levantamento epidemiológico e a realização mensal da ART, individualizando a orientação de higiene bucal e dieta para cada caso. Para isso, os participantes se dividiram em grupos e as funções foram distribuídas de acordo com as competências. Portanto, as atividades desenvolvidas pelo projeto permitiram melhorar a saúde bucal das crianças atendidas através da informação preventiva, o acompanhamento em longo prazo e o aprimoramento do vínculo com as comunidades.*

Palavras-chave: Pastoral da Criança – PET Odontologia – Saúde Bucal

1. Introdução

A Pastoral da Criança, organismo de ação social da CNBB, alicerça sua atuação na organização da comunidade e na capacitação de líderes voluntários que ali vivem e assumem a tarefa de orientar e acompanhar as famílias vizinhas em ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania tendo como objetivo o "desenvolvimento integral das crianças, promovendo, em função delas, também suas famílias e comunidades, sem distinção de raça, cor, profissão, nacionalidade, sexo, credo religioso ou político" (Artigo 2º do Estatuto Pastoral da Criança). O Guia do Líder da Pastoral da Criança (15 ed. -Curitiba, 2015), instrumento utilizado na capacitação de líderes, contempla noções básicas de higiene bucal direcionada às gestantes (p. 38, 41 e 42) e voltadas à bebês de 4-5 m (p. 167-168), 9-11 m (p. 220) e crianças 1-1 a 5m (p. 237), 2- 2 a 11m (p. 253) e

3-3 a 11m (p. 270). No entanto, a presença de pessoas qualificadas em saúde bucal amplia as chances de desenvolvimento de hábitos bucais saudáveis pelas crianças e respectivas famílias assistidas pela Pastoral. Para as gestantes é necessário conscientizar que a sua saúde bucal influencia na sua saúde geral e que a saúde geral da mãe influencia na saúde geral e bucal do bebê. Para as mães e pais tem que ser reforçada a importância de cada dente e dentição na mastigação, fonação, relacionamento interpessoal, etc.

A cárie dentária é o maior problema de saúde bucal no Brasil, conforme afirma o Ministério da Saúde. Apresentando consequências físicas, sociais e psicológicas. Além disso, sua prevalência está relacionada à múltiplos fatores como dieta, amamentação, higiene e acesso à serviços de saúde. A informação a respeito dos problemas da cavidade oral, como tratá-los e o mais importante, como preveni-los, deve ser constante e feita por profissionais competentes. É imprescindível que os pais ou responsáveis estejam cientes da importância do cuidado com a saúde bucal dos seus filhos, assim como das formas de prevenção da doença cárie

O Tratamento Restaurador Atraumático (ART), criado na década de 80, é classificado como tratamento alternativo, atraumático e definitivo. Tem como característica conservar uma pequena camada profunda de tecido afetado sob o Cimento de Ionômero de Vidro (CIV), material de eleição, devido a sua natureza de liberação de flúor, adesividade às estruturas dentais, dispensando a necessidade de confeccionar retenções adicionais por meio de desgastes destas estruturas, e também pela sua biocompatibilidade. Este método possui intervenção mínima e consiste na realização de restaurações com utilização de instrumentos manuais, sem a necessidade de anestesia. Pode ser aplicado tanto em consultórios como em locais não tão equipados, uma vez que requer infraestrutura mínima. Portanto, uma das finalidades da utilização do ART é a atenção a saúde bucal de populações subdesenvolvidas com alta prevalência e gravidade da doença cárie. A indicação para o ART se dá mediante a presença de cárie, ausência de dor espontânea no dente em questão, cavidades onde não tenha comprometimento pulpar, e acesso compatível com o tamanho dos instrumentos manuais.

Tendo isso em vista, este trabalho visa relatar as atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão Inserção de Ações em saúde bucal junto à Pastoral da Criança nos municípios de Mandaguari e Sarandi – PR durante o ano de 2017

2. Desenvolvimento

As líderes receberam orientações quanto ao trauma dental e foram estimuladas a transmitir esse conhecimento durante as visitas, já que as crianças acompanhadas de 0-6 anos têm alto risco de sofrerem este problema. Para tal, houve introdução ao tema através de uma palestra e, em seguida, interação com as líderes através de metodologia ativa, na qual as líderes receberam algumas figuras previamente retiradas de um gibi que tratava sobre o tema e se reuniram para montá-las na sequência correta. Após corrigida a atividade e sanadas as dúvidas, foi distribuído às líderes o gibi que serviu como base para a atividade

Visando ampliar a abrangência do projeto quanto ao número de crianças atendidas por ano e para acompanhar aquelas que receberam ART nos anos anteriores, o levantamento e ART que, até o momento, eram realizados apenas uma vez ao ano, passaram a ser realizados mensalmente. Nesses atendimentos, além do exame clínico da

cavidade bucal quanto à presença de cárie, também é efetuada uma orientação personalizada de como a mãe, pai ou responsável deve realizar a higiene bucal do seu filho, além da instrução sobre a dieta e o encaminhamento para a UBS mais próxima do município ou, quando possível, para a Clínica Odontológica da UEM, de acordo com a necessidade da criança.

É também durante o atendimento que é realizado o levantamento epidemiológico, no qual é preenchido um formulário específico que requer os dados da criança e do responsável, as características bucais da criança atendida e sua classificação de acordo com sua necessidade de atendimento, que pode ser: nenhuma, sem urgência ou com urgência. Ainda no formulário, é descrito o procedimento realizado nos casos em que estes foram necessários e é coletada a assinatura do responsável como forma de consentimento. Esses dados são analisados e comparados a cada atendimento, sendo utilizados para a confecção de artigos e trabalhos apresentados em eventos da área.

Para realizar as tarefas descritas, os participantes foram divididos em pequenos grupos, com pelo menos um membro de cada série da graduação e exercem as funções de acordo com ela, sendo que os da terceira série fazem a anotação dos dados no formulário, os da quarta série examinam a cavidade bucal das crianças e os da quinta série realizam a técnica restauradora atraumática naqueles que necessitam. No mérito da informação e orientação personalizada, todos os membros contribuem com seus respectivos conhecimentos.

Os pais devem receber, ainda este ano, palestras sobre dieta, hábitos deletérios, higiene bucal e questionários que irão medir seu conhecimento, que serão aplicados antes e após as palestras, contrapondo o conhecimento com a aplicação prática

3. Conclusão

Em virtude dos fatos mencionados, percebemos que líderes, crianças, pais, mães e responsáveis foram conscientizados da importância da saúde bucal e receberam orientações individuais de acordo com suas necessidades. Além disso, entendemos que a saúde bucal das crianças atendidas foi aprimorada, não só através da realização da técnica restauradora atraumática, mas também por meio da informação preventiva e pelo acompanhamento em longo prazo. Ainda, a frequência mensal de visitas permitiu ao grupo atender um maior número de crianças e acompanhar os casos previamente atendidos, tornando possível aprimorar ainda mais a qualidade do projeto e melhorar o vínculo com a comunidade.

Referências

MASSARA, M.L.A.; WAMBIER, D.; IMPARATO, J.C.P. *Tratamento restaurador atraumático (ART)*. Manual de Referência, ABO-Odontopediatria.

LIMA, D.C.; SALIBA, N.A.; MOIMAZ, S.A.S.; *Tratamento restaurador atraumático e sua utilização em saúde pública*. RGO, Porto Alegre, v. 56, n.1, p. 75- 79, jan./mar. 2008.

ALVES, A.R.; *O Uso Da Epidemiologia No Planejamento Das Ações De Saúde: Um Estudo Nos Psfs De Formiga-Mg*. I Jornada Científica e VI FIPA do CEFET

BambuÍ/MG – 2008.

ARAÚJO, M. E.; MARCUCCI, G. *Estudo da prevalência das manifestações bucais decorrentes de agentes químicos no processo de galvanoplastia: sua importância para a área de saúde bucal do trabalhador*. *Odontologia e Sociedade*, São Paulo, v. 2, n. 1/2, p. 20-25, 2000.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO BARRACÃO DAS ARTES

Área Temática: Educação

Mayara Carrobrez¹, Káritta Lopes², Patrícia Lessa³

¹Graduada em História, bolsista extensão - UEM contato: mayacarrobrez@gmail.com

²Graduada em Geografia – UEM, contato: karittalopes@gmail.com

³Coordenadora e orientadora do projeto de extensão da UEM/DFE contato: patricialessa13@gmail.com

Resumo. *A Escola Comunitária Barracão das Artes surgiu a partir do Projeto de Extensão “Experimentações estéticas nos terreiros de matriz africana: interseccionalidade de etnias, gêneros e gerações”. Foram realizadas atividades etnográficas na Casa de Mãe Gloria de Abê, localizada no Conjunto Porto Seguro, em Maringá. Elencamos como objetivos: a realização de atividades educativas com as crianças do bairro, as experimentações estéticas com as artes dos terreiros e as discussões sobre as religiões de matriz africana junto a comunidade. Fundamentamos nossos estudos nas teorias feministas descolonialista. Nossos procedimentos metodológicos envolvem os estudos feministas, os estudos etnográficos e as experimentações estéticas. Em nossa avaliação as oficinas representam atividades integradoras, inclusivas e que permite um diálogo com o bairro na apropriação e divulgação de atividades culturais e artísticas ligadas a cultura afro-brasileira.*

Palavras-chave: cultura afro-brasileira – gênero – infância.

1. Informações gerais

A ideia da Escola Comunitária Barracão das Artes surgiu a partir das atividades realizadas no Projeto de Extensão (Processo 699/2016) intitulado: “Experimentações estéticas nos terreiros de matriz africana: interseccionalidade entre etnias, gêneros e gerações”. O projeto está sendo desenvolvido desde 2015, em um primeiro momento foram realizadas atividades etnográficas e registros da Casa de Mãe Gloria de Abê, localizada no Conjunto Porto Seguro/ Maringá. Neste momento, também, iniciamos as atividades com as crianças, de forma a realizar experimentações estéticas a partir das vivências destas dentro do contexto do terreiro. Diante da realidade observada durante este período, destacamos áreas de atuação direcionada para situações específicas, a vida em comunidade nestes espaços e a interação destes com a população do bairro. A segunda atividade já realizada foram as Oficinas de Letramento, onde as crianças tiveram acesso a atividades tais como: leitura e escrita, filmes e redação de histórias, piquenique literário, visitas aos museus da Universidade Estadual de Maringá dentre outras, realizadas no segundo semestre de 2016. As atividades com as crianças aconteceram dentro do barracão do terreiro inicialmente e depois na Universidade Estadual de Maringá com acompanhamento da coordenação, de monitora/e/s e com a autorização das famílias. O número de crianças ficou restrito àquelas crianças que integram as famílias do terreiro, porém, a proposta foi a de ampliar para as crianças do bairro, mesmo aquelas que frequentam outras religiões ou mesmo não frequentam nenhuma, essa foi a meta para

2017. Em nossa avaliação a proposta de deslocar as atividades do terreiro para o Centro Comunitário Jardim Porto Seguro é uma atividade integradora, inclusiva e, que permite um diálogo entre a comunidade do terreiro e a população do bairro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao som dos tambores os corpos se misturam entre humanidades, ancestralidades, não-humanidades, animalidades e evocam cantos, embalados na roda de gira rodopiam vestidos, colares, guias, lenços em cores e texturas de quem navegou mares e ficou marcando e forjando uma cultura entre os continentes americano e africano. Nos terreiros todos estes elementos giram em torno dos orixás. Os orixás são divindades de herança africana que correspondem aos elementos de força da natureza e as suas figurações estão relacionadas as suas manifestações corporais.

O terreiro é o local sagrado onde as divindades são consultadas e homenageadas. No Brasil, esse espaço sacralizado se constituiu historicamente como lugar privilegiado na transmissão e recriação de filosofias, cosmologias, práticas alimentares e artístico ritualísticas, saberes botânicos e redes de solidariedades. As crianças que perambulam e são criadas no ambiente do terreiro estão aos cuidados das famílias que frequentam os terreiros. Cabe ao grupo ajudar nos cuidados das crianças. Questões já apontadas em estudos como de Hita (2014). Nosso trabalho no projeto de extensão começou no bairro Porto Seguro por ser o local onde funciona um terreiro de Jeje-Nagô, que é uma fusão do Tambor de Mina e do Nagô.

A Casa das Minas é o terreiro de Tambor de Mina mais antigo de São Luís e localiza-se à rua São Pantaleão, 857, no bairro da Madre de Deus. Foi fundada em 1840 por descendentes africanos procedentes de Daomé, atual República do Benin. Pesquisas realizadas por Pierre Verger (2014) revelaram que a Casa das Minas foi fundada pela rainha Na Agontimé, viúva do Rei Agonglô (1789-1797) e mãe do Rei Ghezodo Daomé. Bahia e Maranhão são os estados onde se registram os primeiros terreiros no Brasil, mesmo originários de diferentes Nações suas tradições e rituais estão ligados e transformados pelo tempo e pela geografia.

A filósofa feminista negra Djamila Ribeiro, que escreve uma coluna na página: “blogueiras negras” e no “escritório feminista”, da Revista Carta Capital, diz que os preconceitos diários são somados aos discursos opressores em forma de piadas e das “ditas brincadeiras inocentes” que não são menores que as violências físicas, já que as reforçam e alimentam, diz ela: “É preciso perceber que o humor não é isento, carrega consigo o discurso do racismo, machismo, homofobia [...]” (RIBEIRO, 2015). A intolerância religiosa está diretamente relacionada ao racismo e ao sexismo no Brasil, pois as Ialorixás e Babalorixás são muitas vezes alvo de agressões e discursos de ódio.

Em matéria publicada na revista carta Capital “Violência: Brasil mata 82 jovens por dia” os números revelam uma desigualdade social marcada na cor da pele e nas heranças africanas. O colunista revela que o Brasil matou mais do que em doze maiores zonas de guerra do mundo entre 2004 e 2007. Os dados da Unesco apontam para um recorde mundial em assassinatos de crianças e jovens negra/o/s (PELLEGRINI, 2014).

Tendo uma base teórica-conceitual na/o/s autora/e/s aqui citada/o/s e, nas muitas leituras ainda por realizar, nosso trabalho pretende colaborar para o empoderamento e enfrentamentos das violências e intolerância religiosa, bem como, possibilitar atividades

educativas, culturais e desportivas visando a integração social.

3 JUSTIFICATIVA

O projeto proposto justifica-se pela necessidade de produzir saberes e difundir os conhecimentos históricos e culturais dos terreiros visando quebrar estereótipos e minimizar os danos das inúmeras formas de violência e intolerância a que são alvos. Uma pedagogia dos corpos que interseccionalize as relações de etnias, gênero e gerações pode ajudar a pensar novas estéticas e organizar as relações entre as comunidades de terreiro e a comunidade na qual está inserida. Entre distanciamento e aproximação as histórias, as culturas, os corpos, as pessoas, os sons, cantos e danças transitam entre distintas linguagens num viés descolonialista.

4. METODOLOGIA

Nos procedimentos metodológicos nossa proposta se insere na perspectiva plural, com influência nas propostas de caráter artístico-cultural. Dialoga com as teorias e estudos cartográficos e etnográficos, mas também é artista, pois, a força dos terreiros está na luta contra o racismo e a intolerância religiosa, que assumem proporções assustadoras no Brasil. Desta forma, estudos mostram que este é um processo de libertação, ligado a reconstrução da história e da cultura afro-brasileira. Para Moura e Hernandez (2005, p. 2): “Para a Arte, a cartografia é a experimentação do pensamento ancorado no real, é a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que emerge do fazer”

Nossa proposta é, também, de intervenção e criação à medida que se propõe a realizar encontros nos terreiros para estudos entre a comunidade local e a/o/s estudantes envolvida/o/s, bem como, utilizar da instrumentalidade das cores, sons e ritmos para realizar experimentações estéticas com as crianças e com a população do bairro de forma lúdica e criativa.

Referências

HITA, Maria Gabriela. *A Casa das mulheres n'outro terreiro: famílias matriarcais em Salvador-Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2014.

MOURA, Carla; HERNANDEZ, Adriane. *Cartografia como método de pesquisa em arte*. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/viewFile/1694/1574>> Acesso em: mar. 2014.

PELLEGRINI, Marcelo. Violência: Brasil mata 82 jovens por dia. *Carta Capital*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-brasil-mata-82-jovens-por-dia-5716.html>>. Acesso em: ago. 2014.

RIBEIRO, Djamila. *Quando opiniões também matam*. Carta Capital. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/author/djamila-ribeiro/>>. Acesso em: mar 2015.

VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos orixás e vodouns*. São Paulo : EDUSP, 2014.

Sessão 20 – Texto 187

Projeto de Ginástica Geral do DEF/UEM: reflexos na formação inicial **Área temática: Educação**

André R. S. Brão¹, Ademir F. Pires², Roseli T. S. Teixeira³, Ieda P. Barbosa-Rinaldi⁴

¹Aluno do curso de Educação Física, bolsista CAPES– UEM, contato: andrebrao@gmail.com

²Aluno do curso de Mestrado em Educação Física, contato: afariapires@gmail.com

³Prof.^a Dr.^a. Dpto de Educação Física – DEF/UEM, contato: rosetexa@hotmail.com

⁴Prof.^a Dr.^a. Dpto de Educação Física – DEF/UEM, contato: parrarinaldi@hotmail.com

Resumo: *A presente pesquisa tem por objetivo diagnosticar as contribuições do grupo de base do Projeto de Ginástica Geral do DEF/UEM na formação inicial de seus participantes, para tanto, um questionário online foi utilizado como método de coleta de dados. Percebeu-se que o projeto de base apresenta atividades que desenvolvam a relação entre os participantes adquirindo conhecimento sobre a modalidade e contribuindo para a formação inicial dos integrantes do projeto. Entende-se que o projeto de extensão tem atingido suas expectativas enquanto espaço formativo para os acadêmicos de graduação da instituição.*

Palavras-chave: *Ginástica Para Todos, Formação inicial, Ginástica.*

1. Introdução

A Ginástica Para Todos (GPT), referida anteriormente como Ginástica Geral, tem como característica ser uma modalidade demonstrativa compreendendo a base de todas as ginásticas podendo ter ou não a utilização de aparelhos, sua essência é proporcionar o divertimento e o prazer em se praticar a modalidade. De acordo com Ayoub (2003) não existe uma restrição ou regra para se praticar a GPT e não se classifica os indivíduos como sendo melhores ou piores justamente pelo contexto educacional e de participação. Rocha (2016) aponta que como possui um contexto educacional a prática da GPT deve ser acessível a todos, independentemente do espaço utilizado ou da idade dos praticantes, podendo e devendo ser adaptada às condições disponíveis, estimulando sempre a criatividade.

Desta maneira Souza (1997), reconhece a importância e as contribuições desta modalidade e suas características como o respeito à individualidade, estímulo ao desenvolvimento do potencial e da criatividade de cada indivíduo, de valorização da cultura corporal e de liberdade na sua utilização como forma de expressão do ser humano

Inserido neste contexto, o Grupo de Ginástica Geral do DEF/UEM, criado em 2003 pela Prof.^a Dr.^a. Ieda Parra Barbosa Rinaldi tem por objetivo contribuir para a formação acadêmica dos estudantes na universidade e também estimular a prática e estudos na área da GPT. Vale ressaltar que os conhecimentos adquiridos durante o projeto, nos âmbitos teórico e prático, tendem a contribuir para a formação dos futuros professores de educação física. O projeto também possui um grupo de base, destinado

principalmente aos acadêmicos do primeiro ano de Educação Física, acolhendo também os alunos de outros anos e cursos.

Ao que diz respeito à pesquisa e extensão a GPT consegue abranger dados importantes na formação inicial principalmente na área da educação justamente por ter esse caráter participativo dos indivíduos, o que agrega experiência e informação para futuros profissionais da Educação Física, principalmente aos integrantes do curso de licenciatura. O interesse em verificar a contribuição da Ginástica para Todos para o processo formativo em Educação Física se dá por entendermos que o trabalho com a Ginástica se constitui como um espaço de intervenção do profissional da área e, portanto, é preciso que quem venha a ocupá-lo esteja devidamente capacitado para tal (BARBOSA-RINALDI & PAOLIELLO, 2008).

Diante do exposto, buscamos responder as seguintes questões norteadoras: quais as contribuições do Projeto de Ginástica Geral do DEF/UEM para a formação inicial de seus participantes? Quem são os alunos que frequentam o projeto? De que maneira estes alunos ficaram sabendo da existência deste projeto de extensão? Destarte o presente estudo tem como objetivo diagnosticar as contribuições do Projeto de Ginástica Geral do DEF/UEM na formação inicial de seus participantes.

2. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativo-descritivo, com análise de fatos e estimulando os participantes a interagirem livremente (MARCONI & LALATOS, 1996). Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário online, contendo perguntas como o curso de graduação do participante, como ficou sabendo o projeto de extensão, as atividades realizadas nos encontros práticos, bem como as contribuições para a formação inicial dos participantes. O instrumento foi construído a partir da ferramenta Formulários do Google. Como sujeitos de pesquisa, escolhemos os participantes do grupo de base do projeto composto por 20 graduandos da UEM, tendo em vista que 10 destes participantes responderam ao questionário, sendo uma limitação do estudo. Em seguida, as respostas foram categorizadas para posterior análise.

3. Discussão dos resultados

Por meio da análise dos dados foi possível perceber que dos dez participantes da pesquisa, seis são do curso de Artes Cênicas, três do curso de Educação Física e um do curso de Letras. Em relação a como os integrantes do grupo ficaram sabendo do Projeto de Ginástica Geral do DEF/UEM, verificou-se que 30% dos participantes do estudo souberam do projeto por meio de docentes do curso, e também com a mesma porcentagem, por meio de amigos. Outras maneiras as quais foram eficientes para a divulgação do projeto foi por meio de acadêmicos do curso (20%) e da mostra de projetos (20%), realizada na primeira semana de aula, destaca-se que este ano os membros do projeto apresentaram o grupo nas mostras de projetos do curso de Educação Física e de Artes Cênicas. Faz-se importante saber o meio com o qual os participantes ficaram sabendo da existência do projeto, haja vista que para os próximos anos sejam adotadas estratégias eficientes para sua divulgação.

Quadro 1: Atividades realizadas nos encontros práticos

n	Categorias	f
1	Alongamento e flexibilidade	8
2	Elementos acrobáticos	5
3	Construção coreográfica	2
4	Aquecimento	2
5	Princípios da GPT	2
6	Conscientização corporal	1
7	Figuras acrobáticas	1

Em relação às atividades realizadas durante os encontros do projeto (quadro 1), verificou-se que a execução de exercícios como alongamento e flexibilidade (*f*8), elementos acrobáticos (*f*5), construção coreográfica (*f*2), aquecimento (*f*2), entre outros, como figuras acrobáticas, conscientização corporal, que apareceram com menor frequência. Ressaltamos que estas atividades fazem parte dos Elementos Constitutivos da Ginástica, configurando a base de toda Ginástica, entendidos por Souza (1997) como os elementos corporais, elementos acrobáticos, exercícios de condicionamento físico e manejo de aparelhos.

Quanto aos aspectos das modalidades competitivas, como aginástica artística, ginástica rítmica, ginástica acrobática, ginástica aeróbica, também foram explorados durante o projeto a partir do conhecimento e vivência das modalidades e aparelhos, são trabalhados sempre pautados nos princípios da GPT, de cooperação, não competição, explorando as individualidades e potencialidades dos alunos.

Quadro 2: Contribuições do projeto para a formação acadêmica

n	Categorias	f
1	Condicionamento Físico	6
2	Formação Acadêmica	5
3	Atuação profissional	4
4	Trabalho em equipe	3

No que tange às contribuições do projeto para a formação acadêmica, nota-se que os pontos mais abordados (quadro 2) são: o condicionamento físico (*f*6) seguidos da formação acadêmica (*f*5). Segundo Costa (1996) a ginástica como uma atividade física irá gerar uma melhora no rendimento corporal dependendo da maneira como se é aplicada, no caso do projeto, apesar de não se preocupar com o alto rendimento, também trabalha os aspectos relacionados ao condicionamento físico. Quanto a formação acadêmica, de acordo com Barbosa-Rinaldi e Paollielo (2008), a ginástica é uma área de atuação possível, principalmente na Educação Física, portanto a vivência dessa modalidade, tanto em se realizar os elementos gímnicos quanto em aprender a ensiná-los contribui positivamente para a formação acadêmica e também futuramente na atuação profissional (*f*4).

Não menos importante, mas a menos mencionada (*f*3), que também caracteriza a modalidade, foi o trabalho em equipe, e a melhora das relações interpessoais, haja vista que durante os encontros são realizadas diversas atividades em grupo, as quais

necessitam a cooperação e a solidariedade com o próximo, tais contribuições são também abordadas por Ayoub (1998) como uma razão para a prática da GPT. Desta maneira, por meio dos resultados apresentados, entende-se que os objetivos do Projeto de Ginástica Geral do DEF/UEM tem sido contemplados, especificamente no que tange à formação profissional dos acadêmicos que frequentam o grupo de base.

4. Conclusão

Percebe-se por meio deste estudo que o Projeto de Ginástica Geral do DEF/UEM tem atingido seus objetivos enquanto espaço formativo, principalmente para os acadêmicos de primeiro ano de graduação, os quais são o alvo do projeto de base. Verificamos que durante o projeto são trabalhados elementos que compõem o universo da ginástica (SOUZA, 1997), e que as contribuições abarcam desde a melhora no condicionamento físico até a formação profissional e humana dos participantes. Por meio deste estudo também notamos que o conhecimento acerca da ginástica dos participantes foi ampliado, aumentando assim o repertório teórico e prático destes futuros profissionais.

Referências

- AYOUB, E. Ginástica Geral e Educação Física Escolar. Campinas, SP: Unicamp, 2003
- BARBOSA-RINALDI, I. P; PAOLIELLO, E. A Ginástica Geral nos cursos de formação de licenciatura em Educação Física. In: PAOLIELLO, Elizabeth. Ginástica geral: experiências e reflexões. Bela Vista, 2008.
- COSTA, M. C. Ginástica localizada. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- MARCONI, M. D. A; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, abordagens e técnicas de pesquisa, elaboração e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996
- ROCHA, M. T. L. Influência de um Programa de Ginástica Para Todos nas Habilidades Motoras e Qualidade de Vida de Crianças que Vivem em Unidades de Acolhimento. Vila Real, UTAD, 2016.
- SOARES, C. A. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. UNICAMP, SP, Campinas, 1996.
- SOUZA, E. P. M. Ginástica geral: uma área de conhecimento da educação física. (Tese de doutorado), UNICAMP, SP, Campinas, 1997.

Sessão 20 – Texto 183

Trabalho e práticas de atividades físicas e esportivas no “tempo livre”: discussão introdutória

Área Temática: Trabalho

Thiago B. da Silva¹, Rosângela Ap^a. Mello², Ademir Q. Lazarin³, Fernanda H. Fernandes⁴, Charles B. da S. de A. e Souza⁵

¹Prof.º de Educação Física da rede municipal de Cianorte-PR, contato: thiagobarbosa90@hotmail.com

²Prof.^a Depto de Educação Física–DEF/UEM, contato: rmello@uem.br

³Prof.º. Depto. de Fundamentos da Educação – DFE/UEM, contato: aqlazarini@uem.br

⁴Prof.ª de Educação Física da rede municipal de Cianorte-PR, contato: fernanda_herran@hotmail.com

⁵Prof.º de Educação Física da rede municipal de Paissandu-PR, contato: cbsasouza@gmail.com

***Resumo.** Com esta breve exposição pretendemos discutir alguns aspectos das relações que se estabelecem no Brasil entre trabalho na forma social do capital e as práticas de atividades físicas e esportes no “tempo livre” das pessoas. Por meio das discussões aqui empreendidas pode-se observar que uma grande quantidade de pessoas de 15 ou mais anos de idade não praticam atividades físicas ou esportes, sendo um dos principais motivos para esse situação a falta de tempo em decorrência do trabalho, que envolve sua jornada, intensidade e tempo de deslocamento nas grandes cidades. Para a realização da discussão nos utilizamos do livro primeiro de O Capital de Karl Marx (1818-1883) e do suplemento da PNAD que trata da prática de atividades físicas e esportes.*

***Palavras-chave:** Trabalho – atividades físicas– esporte*

1. Introdução

Desde os primórdios da humanidade, o gênero humano necessitou trabalhar para produzir a sua vida, onde os recursos oferecidos pela natureza são transformados em vários objetos necessários à satisfação das mais diversas necessidades humanas. Nesse sentido, Marx (1988a) capta que o trabalho em sentido ontológico é a relação que o homem estabelece com a natureza com intuito de transformá-la em seu favor, entretanto chama atenção para o fato de essa forma genérica de trabalho não ser suficiente para captar o significado do trabalho na sociedade capitalista. Nessa sociedade a forma histórica na qual o trabalho predominantemente se manifesta é a do trabalho assalariado, onde a maioria das pessoas possui somente a sua força de trabalho a ser vendida a outras, que possuem os meios de produção para empregá-las. No processo de trabalho assim caracterizado é produzida o que Marx (1988a) chama de mais-valia ou trabalho excedente do qual o capitalista se apropria, mas isso somente pode ocorrer pela razão segundo a qual a mercadoria força de trabalho, vendida pelos trabalhadores, possui a capacidade de produzir mais valor do que ela mesma custa ao capital, sendo essa quantidade maior de valor a origem dos lucros capitalistas. Assim, Marx (1988b) capta que o capital, em seu movimento, é impulsionado pela maior valorização possível do capital, isto é maior produção possível de mais-valia decorrente da exploração dos trabalhadores. É somente assim que é possível sustentar elevadas taxas de lucro.

Desta forma, qual seria a quantidade de pessoas que conseguem realizar

atividades físicas e esportes? Qual seria a quantidade das que não conseguem? Por quais motivos as pessoas não as realizam? Quais são os impactos da relação social capital sobre essa questão?

Por meio desses breves e introdutórios apontamentos pretendemos oferecer elementos para discutir algumas relações que se estabelecem no Brasil entre trabalho na forma social do capital e as práticas de atividades físicas e esportes no “tempo livre” das pessoas. Para isso iremos nos utilizar dos estudos da obra *O Capital* de Karl Marx, especialmente de seu livro primeiro, realizados no projeto de extensão intitulado: *Educação e Educação Física: Aproximações de análise da crítica da Economia Política*, bem como do suplemento da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) que trata das práticas de esporte e atividade física.

2. Resultados e discussões

Cabe mencionar que o suplemento da PNAD o qual iremos nos utilizar teve por população alvo moradores de 15 anos ou mais de idade, selecionados aleatoriamente em cerca de 60% dos domicílios abordados na pesquisa (95 mil domicílios), cujo período de referencia foi: 27/09/2014 a 26/09/2015.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2015 havia no Brasil 161,8 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade, das quais somente 61,3 milhões praticaram esporte ou atividade física no período de referência. Observando esse montante por grandes regiões o IBGE (2017) aponta que as regiões Sul e Centro-Oeste apresentam proporções maiores de pessoas que praticam atividades físicas ou esporte que a média nacional, onde no Sul a proporção é de 45% e no Centro-Oeste é de 45,2%. É importante frisar que como aponta o IBGE (2017) havia mais mulheres (52,4%) que homens (47,8%) integrando a população de 15 anos ou mais de idade, entretanto uma proporção maior de homens realizava atividades físicas ou esportes perfazendo 53,9% do total, enquanto que a proporção das mulheres era de 46,1%.

Além disto, gostaríamos de destacar algumas relações, onde o Sudeste, que é a região mais desenvolvida economicamente do Brasil, possui uma média menor de pessoas que praticaram atividades físicas e esportes que a média nacional (42,3%-42,7% respectivamente), ficando na frente somente da região Nordeste que é uma das que mais sofre com a pobreza e a falta de infra-estrutura. Possivelmente os problemas de mobilidade urbana das grandes cidades do Sudeste, que fazem as pessoas, principalmente os trabalhadores, perder muito tempo se deslocando de casa para o trabalho e vice-versa, somada ao custo elevado do transporte, afetam a prática de atividades físicas e esportes. A situação das mulheres deve ser destacada, pois são maior número e mesmo assim praticam menos atividades físicas e esportes que os homens. Além de trabalharem as mulheres, na maioria das vezes, acumulam atividades domésticas que retiram mais ainda suas possibilidades de realizarem tais atividades. Essa situação se relaciona com a cultura machista muito presente nas relações sociais capitalistas.

É muito importante para essa breve discussão observar que para o IBGE (2017) em 2015 123 milhões de pessoas não praticavam esportes no período de referência, onde a falta de tempo (38,2%) e não gostarem ou não quererem (35%) foram os principais motivos apontados para a não realização de esporte. Observando esse

fenômeno por idade o IBGE (2017) aponta que entre os adolescentes (15 a 17 anos) o principal motivo para a não prática é por não quererem ou não gostar, enquanto para jovens (25 a 39 anos) o principal motivo apontado foi à falta de tempo. Nesse sentido, o Ministério do Esporte em documento intitulado *A prática de esporte no Brasil* referente ao ano de 2013, afirma que 69,8% das pessoas com 15 ou mais anos de idade não realizam atividades físicas ou esporte por falta de tempo, por possuírem outras prioridades como, por exemplo, **trabalho**, família e estudos. Sobre essa importante questão observemos o gráfico a seguir:

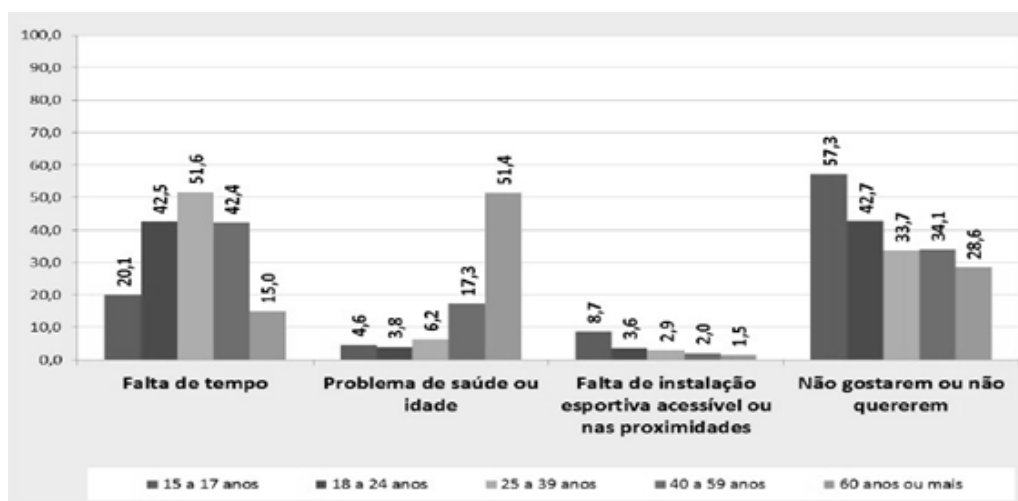


Figura 3: Gráfico1: Motivo para não praticar esporte por idade (distribuição por pessoas) Brasil-2015.

3. Considerações finais.

Assim, por meio dessa breve exposição podemos perceber que a maior parte da população com 15 ou mais anos de idade, no período em questão, não realiza atividades físicas e esportes perfazendo 123 milhões de pessoas no ano de 2015, sendo esse um contingente representativo. Uma das principais causas para esse fenômeno, de acordo com o IBGE (2017), é a falta de tempo para realizar tais atividades sendo o trabalho um desses aspectos mencionados.

A extensão da jornada de trabalho, o tempo de locomoção até o mesmo, somado a intensidade do trabalho no capitalismo contemporâneo são aspectos que devem ser levados em consideração ao se discutir a relação entre trabalho e prática de atividades físicas e esporte. A elevada intensidade do trabalho, mesmo com tempo de trabalho “normal”, faz com os trabalhadores se desgastem mais fisicamente, intelectualmente e afetivamente ao operar na produção e isso, em nossa compreensão, é um importante aspecto para compreender a razão segundo a qual grande parte da população em destaque não realiza atividades físicas e esportes.

As mulheres encontram-se em situação ainda pior, pois além de estarem sujeitas a condições e jornadas de trabalho piores que a dos homens ainda, na maioria das vezes, acumulam o trabalho doméstico para si, o que torna ainda mais difícil a prática de tais atividades.

Referências:

BRASIL. IBGE. . Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios: Práticas de esporte e atividade Física 2015. 2017. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. . Diagnóstico nacional do esporte: Saiba como, onde e por que se pratica esportes no Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_grafica.pdf>. Acesso em: 28 maio 2016.

MARX, Karl. O Processo de Produção do Capital. In: O capital. Vol.1. São Paulo: Nova Cultural, 1988a. (Os economistas).

MARX, Karl. O Processo de Produção do Capital. In: O capital. Vol. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1988b. (Os economistas).

Sessão 20 – Texto 158

Empreendedorismo social: ações do projeto de extensão PROAFA/UEM no esporte de auto rendimento Área Temática: Tecnologia e Produção

Albertino dos Santos Ribeiro Guimarães¹; Giuliano de Assis Pimentel², Silvana dos Santos³, Décio Roberto Calegari⁴

¹Aluno do curso de Educação Física – DEF/UEM, Bolsista USF, contato: albertino.vidaboa@hotmail.com

²Docente do curso de Educação Física – DEF/UEM, contato: ggapimentel@uol.com

³Discente do curso de Artes Cênicas – DMU/UEM, discente de Pós Graduação Programa Associado UEM/UEL, contato: silsantos2611@outlook.com

⁴Docente do curso de Educação Física – DEF/UEM, contato: deciorc@gmail.com

Resumo. *Este artigo faz menção ao empreendedorismo social promovido pelo projeto de extensão PROAFA/UEM por meio do esporte e cultura. O objetivo geral do projeto consistiu em relacionar as ações empreendedoras de ONGs e Associações com as práticas esportivas e culturais do projeto de extensão mencionado. Trata-se de estudo descritivo de cunho qualitativo. Obteve-se como resultado a presença marcante do empreendedorismo social por meio do esporte de alto rendimento, atendendo a demanda da Lei 11.438/2006 de Incentivo ao Esporte fortalecendo a inclusão e valorização social de pessoas com deficiência.*

Palavras-chave: *Empreendedorismo social – inclusão – esporte.*

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo social é uma nova forma de empreendedorismo, visto que, tais ações corroboram com a melhoria das necessidades específicas da comunidade. De acordo com Dees (2009) o campo do empreendedorismo social se iniciou em 1980, quando suas duas principais escolas de ensino: 1. Escola de inovação social; 2. Escola de empresa social; foram estabelecidas. No mesmo período Bill Drayton, fundador de Ashoka desenvolve a identidade própria da escola de inovação social, pois, apoiava inovadores ou empreendedores do público que trabalhavam internacionalmente. Na visão de Drayton, os empreendedores sociais são aqueles que inovam o modelo de produzir valores sociais nas áreas da educação, saúde, ambientes e do acesso ao crédito

Vale ressaltar que o tema Empreendedorismo Social além de ser considerado uma grande ferramenta de inclusão social também apresenta possibilidades que geram soluções para os problemas do sistema econômico vigente, insultando as desigualdades sociais, e desgastes dos recursos naturais e grupos excluídos ou ignorados.

A partir destas problemáticas começam a surgir Organizações Não Governamentais (ONGs), com o objetivo de gerar valores sociais/ ambientais e econômicos, criando-se então, ações e produtos para comercialização, gerando renda.

O principal intuito dessas ONGs (Organizações Não Governamentais) não estava centrado na geração de lucros, e sim na promoção de uma qualidade de vida melhor.

Frente às primeiras colocações, indaga-se: as ações do projeto de extensão PROAFA/UEM, podem ser caracterizadas como ações de empreendedorismo social? Na tentativa de responder esta lacuna o objetivo geral do estudo consiste em relacionar as ações empreendedoras de ONGs e Associações com as práticas esportivas e culturais do projeto de extensão PROAFA/UEM.

Trata-se de estudo descritivo, na qual Aaker, Kumar e Day (2004), atribuem que a pesquisa descritiva, normalmente, usa dados dos levantamentos e caracteriza-se por hipóteses especulativas que não especificam relações de causalidade.

RESULTADOS

Na cidade de Maringá, as ONGs vinculadas ao empreendedorismo social se subdividem em: 1. Fins religiosos; 2. Atendimento as diferentes deficiências; 3. Proteção a maternidade, à infância e a família de Maringá; 4. Associações de atendimento às classes minoritárias e em vulnerabilidade social; 5. Cuidados ambientais; 6. Combate ao câncer; 7. Esportivização e cultura.

No que concerne as categorias estabelecidas neste estudo como empreendedorismo social na cidade de Maringá, pode-se estabelecer que o projeto de extensão PROAFA/UEM, exerce junto à comunidade seu papel empreendedor social, visto que o projeto se estabelece por meio da oferta de práticas esportivas e culturais vinculadas a pessoas com diferentes deficiências, dando ênfase as deficiências física, intelectual, e motora, numa perspectiva do olhar para o outro em suas mais variadas facetas, possibilitando novos caminhos, direcionando os participantes aos diferentes conhecimentos nos aspectos econômico, social e afetivo, promovendo novas oportunidades de incluir-se na sociedade.

As estratégias utilizadas no projeto ampliam a autonomia e independência, promovendo benefícios corporais, melhorias na qualidade de vida e valorização social, favorecendo a empregabilidade e geração de rendas por meio do esporte de alto rendimento. Neste tocante, Rodrigues, Mauerberg (2001, p. 02) postulam que “no campo do esporte adaptado de alto rendimento parece que os benefícios ainda têm sido mais frequentes do que possíveis efeitos negativos”.

Vale ressaltar que o empreendedorismo social não se vincula apenas a recursos materiais está associado também a iniciativa e a vontade de ser alguém independente, capaz de realizar, tendo sua auto-estima valorizada e reconhecida pelos outros (FERREIRA FILHO, et al, 2016). Destarte, o projeto de extensão PROAFA/UEM corrobora com essa valorização pessoal a medida que oportuniza seus atletas a participarem de diferentes competições, pautados na Lei de Incentivo ao Esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que embora o empreendedorismo social na cidade de Maringá esteja vinculado aos aspectos sociais, econômicos, religiosos e situação de vulnerabilidade, ainda assim, há incentivos da prática esportiva e cultural como um meio de integração/inclusão de pessoas deficientes nos diferentes campos de atuação.

A promoção pessoal por meio do empreendedorismo social vinculado as Instituições de Ensino Superior a exemplo do projeto de extensão PROAFA/UEM

favorece o empoderamento dos deficientes participantes das ações ofertadas pelo projeto, ampliando a sociabilização entre os sujeitos, bem como contribuindo com a melhoria da auto-estima.

Para além das contribuições vinculadas ao projeto de extensão PROAFA/UEM, vale salientar que o empreendedorismo social do projeto se estabelece a partir da Lei 11.438/2006 de Incentivo ao Esporte, que de certa forma fortalecerá a inclusão das pessoas deficientes por meio do esporte e cultura, atendendo ainda os direitos sociais atribuídos no artigo 6º da Constituição Federal.

Referências

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. *Pesquisa de marketing*. São Paulo: Atlas, 2004.

BRAZUNA, M.R. DE CASTRO, E.M. *A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão de literatura*. Motriz, v. 07, n. 02, p. 115 123, jul-dez. 2001.

(Martin, Osberg, 2007; Dees, 2009; Nicholls, 2006). Publicada por Rosário Chaves à(s) 07:12 em <http://empreendedorismo-social.blogspot.com.br>.

FILHO, A.C.G. FERREIRA, L.C. GARCIA, L.S. *O empreendedorismo social e a contratação de pessoas com deficiência*. CONVIBRA. 2016. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/2016/123/2016_123_13051.pdf acessado em 31/08/2017.

Sessão 20 – Texto 160

Gestão do Conhecimento contribuindo para as atividades de capacitação e de consultoria nas Empresas Juniores

Área Temática: Tecnologia e Produção

José B. Hercos Jr.¹, Carolina R. Diogo²

¹Prof Depto de Ciências Contábeis – DCC/UEM, contato:jbhjunior@uem.br

²Aluna do curso de Administração, bolsista PIBEX/FA-UEM, contato: carolinar@adeconconsultoria.com.br

Resumo. *O objetivo deste estudo foi verificar se estão presentes nas EJs práticas de gestão do conhecimento que favorecem as atividades de capacitação e de consultoria. Este estudo foi enquadrado como pesquisa descritiva, de natureza prática e principalmente quantitativa, realizado no formato de estudo de caso. Como resultado, observa-se que, ao comparar as sete dimensões proposta por Terra (2005), a que mais se destacou foi “Mensuração de resultados” e a afirmativa que obteve maior grau de concordância foi “valorização do trabalho em equipe”.*

Palavras-chave: *Gestão do Conhecimento – Empresa Junior – Capacitação*

1. Introdução

Globalização; desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação e da comunicação; ambiente em constante mutação; concorrência acirrada; dentre outras, são variáveis que estão impactando consideravelmente sobre as estruturas econômicas, sociais, políticas e produtivas vigentes. Por isso, a competitividade alicerçada na capacidade de inovação é fundamental para a sobrevivência de empresas e regiões.

Neste contexto, surgem as Empresas Juniores de Consultoria (EJs), organizações sem fins lucrativos, com atuação nas mais diversas áreas; são administradas por alunos de graduação das instituições de ensino superior e oferecem projetos de consultoria voltados especialmente para micro e pequenas empresas, com o objetivo de melhorar a competitividade destas; além disso, disponibilizam ao mercado mão de obra mais qualificada e também novos empreendedores.

É possível destacar dois aspectos particulares as EJs: (a) a não remuneração e (b) a elevada rotatividade entre os membros. Estes, quando não administrados adequadamente, comprometem a sobrevivência das EJs. A aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades são as variáveis que atraem os candidatos para as EJs, e os motivam a alongarem o tempo de permanência.

Dado este contexto e o papel que pode ser exercido pelas EJs por meio das atividades de capacitação e de consultoria, coube a seguinte questão de pesquisa: Estão presentes nas EJs práticas de gestão do conhecimento que favorecem as atividades de capacitação e de consultoria? Assim, o objetivo principal deste estudo foi verificar a existência de tais práticas.

2. Procedimentos metodológicos

Para sustentar teoricamente o presente estudo, foi abordada a aprendizagem organizacional, com destaque para as diversas formas de conhecimento e processos de aprendizagem; e, a gestão do conhecimento, com ênfase nas sete dimensões delineadas por Terra (2005). Em termos de metodologia, esta pesquisa foi enquadrada como descritiva, exploratória, de natureza prática e principalmente quantitativa.

Tabela 1 – Grau de concordância dos membros da EJ em estudo

Questão	1	2	3	4	5
a) Dimensão 1 – Estratégia e alta administração	6	6	7	22	37
Frequência acumulada (em %)	100	100	100	89,4	56,1
Os objetivos e as metas estabelecidas na empresa são comunicados, amplamente, para todos os membros da organização.	0	0	0	7	15
Existe elevado nível de consenso sobre quais são os pontos fortes da empresa em termos de habilidades e competências.	0	0	3	10	9
A alta administração estabelece frequentemente metas desafiadoras e um sentido de urgência para a mudança da realidade em direção a uma visão estabelecida.	0	0	4	5	13
b) Dimensão 2 – Cultura e valores organizacionais	6	10	45	89	120
Frequência acumulada (em %)	100	100	96,2	79,2	45,5
A empresa é transparente com relação a obtenção e aplicação dos recursos financeiros.	0	0	0	3	19
As realizações importantes são comemoradas.	0	0	3	6	13
Valoriza-se o trabalho em equipe.	0	0	0	2	20
Há um elevado sentimento de confiança entre a empresa e seus membros; existe de maneira geral um grande orgulho em trabalhar na EJ.	0	0	2	5	15
A missão e os valores da empresa são promovidos, de forma consistente, através de atos simbólicos e ações.	0	0	4	7	11
Existe um ambiente descontraindo e motivador para o trabalho e o aprendizado.	0	0	3	10	9
Novas ideias são valorizadas.	0	2	3	11	6
As pessoas estão preocupadas com toda a organização e não apenas com sua área de trabalho, ou seja, buscam uma otimização conjunta.	0	1	1	14	6
Os layouts são condutores à troca informal de informação (uso de espaços abertos e salas de reunião). São poucos os símbolos de status e hierarquias.	0	0	3	8	9
Estimula-se a experimentação e inovação (na resolução de problemas, nos controles, nas ferramentas de avaliação, nos processos, nos serviços...).	0	1	7	9	5
Existe uma grande honestidade intelectual na EJ, ou seja, as pessoas são autênticas e deixam evidente aquilo que conhecem e também o que não conhecem.	0	1	7	9	5
Realizam-se, com frequência, reuniões informais, fora do local de trabalho, para a realização de <i>brainstorming</i> .	0	5	10	5	2
c) Dimensão 3 – Organização e processo de trabalho	6	4	27	25	10
Frequência acumulada (em %)	100	100	93,9	53,0	15,2
Há um uso constante de equipes temporárias, com grande autonomia, totalmente dedicadas a projetos inovadores.	0	1	11	5	5
Poucas reorganizações ocorrem com frequência, de forma natural, para se adaptar às demandas do ambiente competitivo.	0	1	7	11	3
As decisões são tomadas no nível mais baixo possível. O processo decisório é ágil, a burocracia é mínima.	0	2	9	9	2
d) Dimensão 4 – Políticas e práticas para a administração de Recursos Humanos.	6	11	30	71	86
Frequência acumulada (em %)	100	100	94,4	79,3	43,4
Há um elevado incentivo ao treinamento e desenvolvimento profissional e pessoal dos membros. Estimulam-se treinamentos que levam ao autoconhecimento.	0	1	0	8	13
Estimula-se o aprendizado através da ampliação dos contatos e interações com outras pessoas de dentro e fora da empresa.	0	2	2	9	9
O treinamento está associado às necessidades da área imediata de trabalho do membro e/ou às necessidades estratégicas da empresa.	0	4	2	6	10
O processo de seleção é bastante rigoroso.	0	0	3	5	14
Há uma busca de diversidade (personalidades, experiências, culturas, educação formal, etc.) e aumento da criatividade por meio do recrutamento.	0	2	7	9	4
O planejamento de carreira busca dotar os funcionários de diferentes perspectivas e experiências.	0	0	6	11	5
O futuro da EJ é utilizado na capacitação dos membros.	0	0	2	2	18
Existe reconhecimento por resultados e contribuições extraordinárias.	0	1	3	9	9
Com intuito de ampliar as competências, os membros permanecem o maior tempo possível na EJ.	0	1	5	12	4
e) Dimensão 5 – Sistemas de informação e comunicação	6	6	15	34	33
Frequência acumulada (em %)	100	100	93,2	76,1	37,5
Com relação ao desenvolvimento de uma consultoria, há o repasse de experiências (dificuldades, soluções, resultados) entre os membros.	0	1	1	8	12

Questão	1	2	3	4	5
A interrupção não é compartilhada, sendo o tempo usado por parte de todos os membros, a base de dados e de outros recursos da organização.	5	0	0	10	10
A comunicação interna é feita em todos os níveis (líderes para líderes, líderes para membros e membros para membros).	0	4	11	7	7
É possível explicar e definir os objetivos pessoais e organizacionais de cada um dos membros da organização.	0	1	4	13	8
(f) Dimensão 6 – Mensuração de resultados					
Frequência acumulada (em %)					
	100	100	100	86,8	66,8
Existe uma grande preocupação com o nível de atuação individual dos membros (finanças, comunicações, habilidades, percepção de sua liderança).	0	0	0	7	10
Resultados alcançados em nível de atuação coletiva.	0	0	0	10	8
(g) Dimensão 7 – Sintonizado com o meio ambiente					
Frequência acumulada (em %)					
	100	98,9	90,9	69,3	38,1
A EJ tem habilidades suficientes de pessoas para lidar com mudanças.	0	1	0	0	0
A organização tem recursos suficientes. Existem vários recursos humanos, financeiros e tecnológicos disponíveis para a finalidade.	0	0	4	10	6
A organização tem habilidades suficientes para lidar com o futuro.	0	1	4	7	9
Há recursos humanos, financeiros e tecnológicos para a finalidade.	1	1	3	11	11

Fonte: Adaptado de TERRA (2005)

A pesquisa contemplou os membros participantes da EJ, num total de 22 pessoas. As respostas aos questionários (de 1 a 5) foram tabuladas em planilha eletrônica, sendo que para cada questão e dimensão, foi apurada a frequência absoluta por categoria de resposta, conforme estabelecido na tabela 2. Para cada dimensão, foi apurada também a frequência acumulada percentualmente por categoria de resposta.

Tabela 2 - Categorização estabelecida pelos autores

Pontuação atribuída para cada questão	Categorização
1	discorda totalmente
2	Discorda
3	não tem posição definida
4	Concorda
5	concorda totalmente

Fonte: Elaborado pelo autores

De acordo com a tabela 2, nas afirmativas com pontuação 5, a convicção é total em termos de concordância; o contrário, em termos de discordância, ocorre nas afirmativas com pontuação 1. Já, nas afirmativas com pontuação 3, o entrevistado não tem posição definida, ou seja, não concorda e nem discorda.

3. Resultados

A EJ objeto de estudo, com aproximadamente vinte anos de existência, é vinculada aos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, tendo desenvolvido em 2016⁷: trinta e três consultorias, cinco diagnósticos para entidades filantrópicas; vinte e sete *workshops* e treze treinamentos (destinados aos seus membros); dois eventos destinados a acadêmicos, empresários juniores e comunidade; oito *cases* apresentados em eventos locais, regionais e nacionais. Neste período, contou com a participação de quarenta e cinco acadêmicos.

Ao analisar as respostas como um todo, houve elevado grau de concordância entre os respondentes às afirmativas que as práticas presentes na EJ favorecem a gestão

⁷ São previstas para 2017: quarenta e oito consultorias, vinte *workshops*, quinze treinamentos, dois eventos e seis *cases*.

do conhecimento.

Ao comparar as sete dimensões propostas por Terra (2005), a que mais se destacou foi “Mensuração de resultados”, com 95,5% de concordância.

Na análise por afirmativa, as que obtiveram maior grau de concordância, foram: (a) a valorização do trabalho em equipe; (b) a transparência com relação a obtenção e a aplicação dos recursos financeiros; (c) a preocupação em medir resultados sob várias perspectivas; (d) a utilização do faturamento da EJ na capacitação dos membros; (e) o estabelecimento dos objetivos e das metas na empresa e sua comunicação para todos os membros da organização; e (f) o sentimento de confiança existente entre a empresa e seus membros e o grande orgulho em trabalhar na EJ.

Há evidências suficientes de que a EJ objeto de estudo é uma organização que realmente aprende e agrega conhecimento; e as práticas de gestão do conhecimento contribuem para as atividades de capacitação e de consultoria, adicionando competitividade à empresa e aos seus membros.

Referências

FIOL, C. M.; LYLES, M.A. *Organizational learning*. *Academy of Management Review*, v. 10, n. 4, p. 803-813, 1985.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. *Aprendizagem e inovação organizacional*. As experiências de Japão, Coréia e Brasil. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

HAGUENAUER, L.; FERRAZ, J. C.; KUPFER, D. S. *Competição e internacionalização na indústria brasileira*. In: BAUMANN, R. (Org.). *O Brasil e a Economia Global*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

SENGE, P. M. *A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende*. 22. ed. Trad. OP Traduções. São Paulo: Best Seller, 2006

SERAFIM FILHO, P. *A Gestão do Conhecimento e a Motivação nas Organizações*.

Revista Decidir, jan/1999. Acessado site <http://www.perspectivas.com.br/g8.htm>

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. *Tradução: Ana Thorell*. *Gestão do conhecimento*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TERRA, J. C. C. 5. ed. *Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

O que o banco de dentes humanos representa para nossa comunidade e ao curso de Odontologia da UEM?

Área Temática: Saúde

Aline Martins Licheski do Bomfim¹, Raquel Sano Suga Terada², Najara Barbosa da Rocha³, Marcos Sergio Endo⁴

¹Aluna do Curso de Odontologia – DOD/UEM, contato: alinemlicheki@gmail.com

²Profª do Curso de Odontologia – DOD/UEM, contato: raquelterada@gmail.com

³Profª do Curso de Odontologia – DOD/UEM, contato: najara.rocha@gmail.com

⁴Profº do Curso de Odontologia – DOD/UEM, contato: marcossendo@gmail.com

Resumo. O banco de dentes humanos (BDH) trata-se de um núcleo sem fins lucrativos, que tem como função principal centralizar a captação e distribuição de dentes humanos extraídos. Os objetivos deste estudo são relatar a experiência do BDH do Departamento de Odontologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e comparar este com outros existentes no Brasil. O BDH-UEM é composto por uma comissão, a qual organiza a arrecadação e armazenagem dos dentes das clínicas e demais fontes fornecedoras, com finalidade de fornecer dentes humanos para pesquisas e auxiliar no processo de aprendizado do aluno durante os laboratórios. Portanto, o banco de dentes humanos é de extrema importância para a universidade, pois apoia o desenvolvimento e treinamento dos alunos nas atividades pré-clínicas, possibilita a execução de trabalhos de pesquisa científica, valoriza o dente como órgão e evita o comércio ilegal do elemento dentário.

Palavras-chave: Dente – Odontologia – Doações

1. Introdução

Atualmente dentes humanos extraídos são considerados como órgãos e sua origem deve ser conhecida. Para isso, deve-se aplicar os aspectos éticos e legais desde sua doação até sua utilização no meio acadêmico. Assim, é necessário a existência de uma fonte legal para utilização desses órgãos, como o Banco de Dentes Humanos (BDH).

Os objetivos para a criação de um BDH são arrecadar e armazenar os dentes extraídos, conscientizar a prática de doação de órgãos dentários, fornecer material para pesquisas, auxiliar nos estudos laboratoriais, como também diminuir a prática ilegal do comércio de dentes (NASSIF et al., 2003).

Um bom funcionamento de um BDH é de extrema importância, já que é fundamental um controle rigoroso dos procedimentos internos do seu processamento, desde o recolhimento dos termos de doação, a limpeza, a separação e o armazenamento (NASSIF et al., 2003).

2. Objetivo

Os objetivos deste trabalho são relatar a experiência do Banco de Dentes Humanos da clínica odontológica da Universidade Estadual de Maringá, como também comparar

este BDH com outros existentes em outras instituições.

3. Relato de Experiência – BDH UEM

O BDH da clínica odontológica da Universidade Estadual de Maringá foi criado em 2010 com a finalidade de centralizar a captação e distribuição dos dentes extraídos. Atualmente o BDH-UEM conta com 19 voluntários, sendo 6 professores e 13 alunos da graduação. Possui uma sala contendo geladeira com recipientes para armazenamento dos dentes; armários para organização dos documentos; pias, peneiras, curetas e bandejas para limpeza e manutenção dos dentes extraídos.

Para garantir um bom funcionamento e organização do BDH, é necessário o trabalho em etapas e em equipe. Primeiramente, solicita-se ao doador ou responsável a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Executa-se a arrecadação dos dentes, a lavagem prévia com água corrente, detergente e esponja, e posteriormente realiza-se a raspagem dos mesmos para remoção de restos orgânicos. A separação e distribuição dos dentes são realizadas em recipientes específicos e identificados conforme os grupos dentários, em dentes hígidos, restaurados e cariados. Os dentes são armazenados em água comum, que é renovada semanalmente e refrigerados a 4°C.

4. Discussão

O protocolo do BDH da UEM é realizado conforme os bancos das instituições analisadas nos trabalhos de NASSIF et al. (2003), MARIN et al. (2005), SPONCHIADO JÚNIOR et al. (2012), COSTA et al. (2013), GHIGGI e DALLANORA (2014), LOUZADA et al. (2015). Porém, somente a etapa de armazenamento difere dos mesmos devido à falta de verbas. Com isso, nesta instituição realiza-se esta etapa com água comum divergindo de outros protocolos que utilizam água destilada.

Diferentemente da UERJ em que o BDH é associado ao projeto de extensão PET (LOUZADA et al., 2015), este banco não é vinculado a nenhum projeto ou programa, somente à Clínica Odontológica desta Universidade. Por isso a única fonte de captação de dentes é através da universidade, não apresentando nenhum auxílio de um projeto que atinja a população externa para conscientização e captação de dentes, como na UERJ.

Para que obtenha um correto funcionamento de um BDH, é necessário um controle rigoroso da separação e armazenagem dos dentes, como também dos documentos de necessários para doação e empréstimos dos elementos (NASSIF et al., 2003). Devido a isso, o BDH da UEM realiza um controle severo do fluxo de entrada e saída dos dentes, preenchimento das fichas de doação e empréstimo, como também da biossegurança durante todas as etapas.

O BDH-UEM deseja tornar-se projeto de extensão, pesquisa ou ensino para a busca de financiamento, também para a utilização dos dentes armazenados para suporte de todos os estudos pré-clínicos e pesquisas científicas.

5. Conclusão

Apesar das limitações, o BDH da UEM é de extrema importância para a Universidade,

para os alunos e para a população externa, pois valoriza o dente como órgão, evita o comércio ilegal, apoia a realização de pesquisas científicas e práticas laboratoriais.

Referências

Nassif ACS, Tieri F, Ana PA, Botta SB, Imperato JCP. Estrutura de um Banco de Dentes Humanos. *Pesqui Odontol Bras.* 2003; 17(Supl 1):70-4.

Sponchiado Júnior EC, Guimarães CC, Marques AAF, Rebelo MAB, Conde NCO, Bandeira MFCL, Pereira JV. Banco de dentes humanos e educação em saúde na Universidade Federal do Amazonas. Relato de experiência. *Revista da ABENO.* 2012; 12(2):185-9.

Ghiggi LD, Dallanora LMF. Implantação do banco de dentes humanos (BDH) do curso de Odontologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina. *Ação Odonto.* 2014; 2:61-71.

Marin EA, Zorzin D, Minardi APR, Oliveira MDM. Estruturação do banco de dentes humanos decíduos da Universidade Federal de Santa Maria/RS/Brasil. *Rev Fac Odontol Univ Passo Fundo.* 2005; 10(2):7-9.

Costa SM, Lima EB, Mameluque S, Pires CPAB, Melo AEMA, Souza GRP. Banco de dentes humanos da UNIMONTES: Relato de experiência de integração ensino pesquisa e extensão. *Rev Intercâmbio.* 2013; 4: 247-252.

Louzada LN, Jorge RC, Silva KS, Pacífico RSL, Dantas FFP, Novaes SEA, et al. Banco de dentes humanos: ética a serviço do ensino e da pesquisa - a experiência da Faculdade de Odontologia da UERJ. *Interagir: pensando a extensão.* 2015; 20: 67-79.

ATENDIMENTOS DE UM AMBULATÓRIO DE SAÚDE DO TRABALHADOR NO ANO DE 2016

Área Temática: Saúde

Beatriz F. Martins¹, Lais F. F. da Silva², Bruna D. Alves³, Magda L. F. de Oliveira⁴

¹Aluna do Doutorado, PSE/UEM, contato: biaferreira.martins@gmail.com

²Mestre em Enfermagem, PSE/UEM, contato: la_isfernanda@hotmail.com

³Aluna do Mestrado, PSE/UEM, contato: brunadiana_cesumar@hotmail.com

⁴Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Docente da Graduação e Pós – Graduação em Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá, contato: mlfoliveira@uem.br

Resumo. Este estudo teve como objetivo caracterizar os atendimentos do Ambulatório de Saúde do Trabalhador do Centro de Controle de Intoxicações no Hospital Universitário de Maringá, no ano de 2016, a partir de dados das Fichas de Atendimento de trabalhadores expostos a agentes tóxicos no ambiente de trabalho. Dos 104 casos de intoxicação ocupacional registradas no Centro, 23 foram agendados para o Ambulatório, devido à maior gravidade das intoxicações. Destes, 10 compareceram ao atendimento inicial e retorno ambulatorial: cinco atendimentos de trabalhadores com intoxicação por agrotóxicos, três por produto químico industrial, um por domissanitário, e um por acidente com escorpião. Os resultados indicam a necessidade de fortalecer as medidas de prevenção, recomendando sempre o uso de equipamentos individuais de proteção e a manutenção da limpeza de ambientes próximos ao local de trabalho.

Palavras-chave: Enfermagem do Trabalho-Intoxicação ocupacional-Assistência ambulatorial.

1. Introdução

Os acidentes do trabalho constituem um importante problema de saúde pública no Brasil, visto sua elevada frequência e gravidade. Por acometerem principalmente pessoas jovens e em idade reprodutiva, acarretam, além de sofrimento para os trabalhadores acidentados e seus familiares, graves consequências sociais e econômicas às empresas e à sociedade, incluindo a diminuição da capacidade laboral e da produtividade (ALMEIDA, BARBOSA-BRANCO, 2011).

A Organização Internacional do Trabalho estima que 2,34 milhões de pessoas morrem todos os anos por acidentes e doenças relacionadas com o trabalho, e mais de 160 milhões de novos casos de doenças ocupacionais são registradas anualmente, tornando o trabalhador incapacitado (ALMEIDA, BARBOSA-BRANCO, 2011; CAVALCANTE et al., 2014).

As ações de Saúde do Trabalhador devem ser realizadas por uma equipe multidisciplinar e abranger procedimentos de prevenção, manutenção e reabilitação do trabalhador. Nesse intuito, foi organizado o Ambulatório de Saúde do Trabalhador – AST pelo Centro de Controle de Intoxicações do Hospital Universitário Regional de Maringá- CCI/HUM, em 1992, para o atendimento aos trabalhadores suspeitos de

intoxicação ocupacional por agentes químicos, principalmente chumbo inorgânico, agrotóxicos, tintas e outros solventes, com o objetivo de assistência à saúde, vigilância epidemiológica dos casos e educação para a saúde no trabalho.

O AST obedece a um esquema de agendamento telefônico, pela empresa empregadora e por demanda espontânea dos trabalhadores, e também por busca ativa em empresas e serviços de saúde e, semanalmente há a busca das fichas de ocorrência toxicológica de intoxicação ocupacional notificados ao CCI/HUM e oferecido agendamento ao ambulatório dos casos suspeitos/confirmados.

O objetivo do presente estudo foi descrever e caracterizar o perfil dos atendimentos no AST no período de janeiro a dezembro de 2016.

2. Metodologia

Estudo do tipo descritivo e transversal, realizado o município de Maringá – Paraná, a partir das notificações de casos registradas no CCI/HUM e atendidos no AST no ano de 2016.

O CCI/HUM é um órgão de assessoria na área de urgências toxicológicas e contribui para a vigilância epidemiológica das intoxicações, pois os indivíduos intoxicados são cadastrados no CCI/HUM por meio do preenchimento da ficha de notificação e de atendimento. Os serviços assistenciais do CCI/HUM são informação toxicológica e apoio clínico-laboratorial às urgências toxicológicas; e acompanhamento ambulatorial e domiciliar de casos, por meio do Programa de Visita Domiciliar ao Intoxicado e dos ambulatórios de Toxicologia Geral, Toxicologia Infantil, Psicologia e Saúde do Trabalhador (SELEGHIM et al., 2011).

A população de estudo foi composta por todos os trabalhadores atendidos em 2016 e como fonte de dados utilizou-se as Fichas de Atendimento do AST, das quais foram extraídas as seguintes variáveis: agente tóxico da intoxicação ocupacional, trabalhadores agendados e trabalhadores cadastrados e comparecimento ao serviço.

Na primeira consulta ambulatorial é realizada anamnese clínico-ocupacional, que é composta por identificação, história ocupacional (situação atual, antecedentes profissionais, fatores relacionados ao trabalho, segurança no trabalho), abordagem médica (queixa principal, história clínica atual e pregressa; história familiar; costumes, hábitos, vícios, requisição e/ou análise de exames) e avaliação para agendamento de retorno ambulatorial.

A coleta de dados deu-se por análise documental, sendo os dados apresentados em estatística descritiva, com frequências absoluta e relativa das respostas. O estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

3. Resultados e Discussão

Foram notificadas, ao CCI/HUM, 104 intoxicações ocupacionais no ano de 2016, sendo 73 (70,1%) trabalhadores do sexo masculino, e 84 (80,7%) com faixa etária entre 20 a 49 anos.

As principais intoxicações ocupacionais atendidas no Ambulatório tiveram como

causa a exposição aos agrotóxicos, como os agentes de endemias e trabalhadores rurais que geralmente são pequenos proprietários; e as tintas e solventes, em trabalhadores vindos de algumas empresas e indústrias químicas.

Neste contexto, salienta-se que um acidente de trabalho é o evento inesperado ocorrido no exercício do trabalho, independentemente da situação empregatícia e previdenciária do trabalhador acidentado, e que pode acarretar dano à saúde, potencial ou imediato, acrescido de lesão corporal ou comprometimento funcional que causa direta ou indiretamente a morte, ou ainda, perda ou redução, permanente ou temporária, da capacidade para o trabalho (CAVALCANTE et al., 2014).

Dos casos notificados foram agendados para o AST aqueles com maior gravidade (23-22,1%trabalhadores). Dentre estes, 10 (43,4%)compareceram ao atendimento ambulatorial, sendo cinco atendimentos aos trabalhadores com intoxicação por agrotóxico, três por produto químico industrial, um por domissanitário, e um por acidente com escorpião(Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos trabalhadores atendidos no AST, segundo a ocupação, sexo, idade e agente tóxico da intoxicação (Fonte: CCI/HUM, 2016).

Ocupação	Sexo	Idade	Agente tóxico
Agricultor	M	27	Agrotóxico
Agente de Endemias	F	35	Agrotóxico
Agente de Endemias	F	35	Agrotóxico
Agente de Endemias	F	35	Agrotóxico
Agricultor	M	27	Agrotóxico
Inspetor de qualidade	M	26	Borracha, Ftalocianina
Motorista	M	54	Escorpião
Agente Funerária	M	15	Formol
Doméstica	F	28	Hipoclorito de sódio
Técnica de enfermagem	F	48	Tinta e solvente

Com relação aos agentes tóxicos, estes podem ser definidos como substância química capaz de causar dano a um sistema biológico, alterando uma função ou levando-o à morte, sob certas condições de exposição (ALMEIDA et al., 2016; OGA, 2014).

Em relação ao sexo dos trabalhadores, cinco eram do sexo masculino e cinco do sexo feminino, e a faixa etária variou entre 15 a 54 anos com média de 33 anos(Quadro 1).

Estudos constataram que a maior parte dos acidentes atinge homens jovens e produtivos, que trabalham em indústrias, na construção civil, no setor de transportes e na agricultura, locais onde mais ocorrem acidentes graves. Isso reflete tanto os riscos inerentes ao exercício dessas funções quanto o descumprimento do uso de equipamentos e medidas de segurança (BORBOLETO, et al., 2011; CAVALCANTE, et al., 2014).

4. Conclusão

Observou-se que na maioria dos casos houve relação entre a ocupação exercida pelo trabalhador e o agente envolvido na intoxicação. Ou seja, os casos envolvendo

agrotóxicos ocorreram com agentes de endemia e agricultores, a intoxicação com produto químico industrial aconteceu com um agente funerário, o acidente com domissanitários envolveu uma empregada doméstica.

Pode-se inferir que o risco de trabalhadores sofrerem acidentes ocupacionais está relacionado à falta de informação sobre medidas de prevenção, refletindo na baixa adesão ao uso de equipamentos de proteção individual. Os resultados indicam a necessidade de fortalecer as medidas de prevenção, recomendando sempre o uso de equipamentos individuais de proteção e a manutenção da limpeza de ambientes próximos ao local de trabalho.

Referências

ALMEIDA, P.C.A.; BARBOSA-BRANCO, A. Acidentes de trabalho no Brasil: prevalência, duração e despesa previdenciária dos auxílios-doença. *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, São Paulo, v.36, n.124, p. 195-207, 2011.

ALMEIDA, T.C.A. et al. Perfil das intoxicações agudas ocorridas em uma cidade do centro-oeste de Minas Gerais. *Electronic Journal of Pharmacy*, vol. XIII, n. 3, p. 151-164, 2016.

BORTOLETO, M. S. S. et al. Acidentes de trabalho em um pronto atendimento do sistema único de saúde. *Espaço Saúde*, v.13, n.1, p.91-97, dez. 2011.

CAVALCANTE, C. A. A. et al. Perfil dos agravos relacionados ao trabalho notificados no Rio Grande do Norte, 2007 a 2009, *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v.23, n.4, p.741-752, out/dez 2014.

OGA, S.; CAMARGO, M.M.A.; BATISTUZZO, J.A.O. *Fundamentos da Toxicologia*. 4^a ed. São Paulo: Atheneu, 2014.704.

CONDUTAS DE ENFERMAGEM FRENTE AOS PROBLEMAS NA LACTAÇÃO

Área Temática: Saúde.

Rafaela Carolina Nascimento Filus¹, Francieli S. de Oliveira Trombelli², Larissa Silva Bergantini², Heloisa Gomes de Farias², Julia Rosa Matias Ciccheto², Fernanda Caroline Mattos Silva², Camila Borghi Rodriguez³, Thais Ramos da Silva³, Christyna Beatriz Genovez Tavares⁴, Deise Serafim⁵, Sueli Mutsumi Tsukuda Ichisato⁶

¹Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM), bolsista do Projeto de Extensão: Atuação do Acadêmico de Enfermagem no Banco de Leite Humano do Hospital Universitário Regional de Maringá (BLH/HURM). Contato: rafa_filus@hotmail.com

²Acadêmicas do curso de Enfermagem da UEM.. Contatos: fran_trombelli@hotmail.com; larissasbergantini@hotmail.com; julhamatias@hotmail.com; feernanda.caroline@hotmail.com; helogfarias@outlook.com

³Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UEM. Contatos: cami_borghi@hotmail.com; thaisrsilva6@gmail.com

⁴Enfermeira e coordenadora do BLH/HURM, Mestre em Enfermagem. Contato: cbgenovez@gmail.com

⁵Docente do Departamento de Enfermagem da UEM. Contato: dserafim@hotmail.com

⁶Docente do Departamento de Enfermagem da UEM, Coordenadora do projeto de Extensão: Atuação do Acadêmico de Enfermagem no BLH/HURM. Contato: sichisato@hotmail.com

***Resumo** Trata-se de uma pesquisa documental, de abordagem descritiva e quantitativa, realizada no Banco de Leite Humano (BLH) de um Hospital Universitário, situado no noroeste do Paraná. Identificou-se por meio das fichas de atendimento do banco de leite humano problemas como: manejo da lactação (39,8%), seguido por dificuldade de pega e sucção 19%, ingurgitamento mamário (14,4%) e lesão mamilar (6,6%). Os profissionais de saúde têm papel na promoção, proteção e apoio ao AM, por meio da busca de conhecimento e desenvolvimento de suas habilidades relacionados a aspectos técnicos da amamentação.*

***Palavras-chave:** Aleitamento humano - Padrões de Prática em Enfermagem - Amamentação.*

Introdução

O aleitamento materno (AM) é uma medida fundamental de proteção e promoção da saúde das crianças a curto e longo prazo de vida, pois atende todas as necessidades para seu desenvolvimento. A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que o AM seja exclusivo até os seis meses e complementar até dois anos ou mais (MUNIZ, 2010).

É um processo de interação profunda entre mãe e filho, com repercussões no estado nutricional da criança, habilidade de se defender de infecções, fisiologia e desenvolvimento cognitivo e emocional, além de ter implicações na saúde física e psíquica da mãe (BRASIL, 2015)

Os primeiros dias após o parto definem o início e a manutenção da lactação, podendo surgir dificuldades que requerem suporte à mulher para o estabelecimento da autoconfiança e resolução das dificuldades apresentadas (CASTRO; ARAÚJO, 2006;

BRASIL, 2015). Dentre os possíveis transtornos encontrados na prática clínica, destaque-se a queixa de baixa produção de leite, dor no mamilo e traumas mamilares, ingurgitamento mamário e até complicações como a mastite (CASTRO; ARAUJO, 2006). É importante sublinhar que, se não forem prontamente identificados e tratados, podem desencadear o sofrimento e ansiedade materna e infantil, e culminar na interrupção da amamentação (BRASIL, 2015).

Os profissionais de saúde têm papel fundamental na promoção, proteção e apoio ao AM, mediante busca de conhecimento e desenvolvimento de suas habilidades relacionados a aspectos técnicos da amamentação, dentre estas - ter um olhar atento e abrangente, levar em consideração os fatores emocionais, cultura familiar e rede de apoio à mulher (BRASIL, 2015).

Diante ao exposto, o objetivo do trabalho foi descrever os principais problemas relacionados à amamentação, apresentados por nutrizes que procuraram ajuda em um Banco de Leite Humano, e descrever as condutas de enfermagem frente aos mesmos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa documental de abordagem descritiva e quantitativa, realizada no Banco de Leite Humano (BLH) de um Hospital Universitário situado no noroeste do Paraná. A pesquisa documental segue as seguintes etapas: formulação do problema; elaboração do plano de trabalho; identificação das fontes; localização das fontes; localização das fontes e obtenção do material; análise e interpretação dos dados e redação final (GIL, 2010).

Os dados foram obtidos por meio das fichas de atendimento do binômio mãe-bebê do BLH, que possuíam problemas relacionado a amamentação, referentes ao período de janeiro a dezembro de 2016.

Resultados e Discussões

Durante o período de janeiro a dezembro de 2016 foram atendidos 270 binômios mães – bebês. Em relação a caracterização materna a maioria possuía idade entre 20 e 30 anos (58%). A escolaridade de maior ocorrência foi de superior completo (43,1%). Em relação ao número de filhos anteriores e experiência com amamentação obteve-se maior ocorrência de mães primigestas (59,1%) e sem nenhuma experiência anterior à amamentação (65,2%). Em relação aos lactentes maioria eram do sexo feminino (50,7%), nascidos a termo (87%) e parto cesárea (80,7%).

Quanto ao tipo de alimentação oferecido ao bebê na data do atendimento a maior prevalência foi de aleitamento materno exclusivo (68%), seguido de aleitamento misto (11,4%) e aleitamento materno predominante (9,8%). Em relação ao tipo de atendimento a ocorrência maior foi em manejo da lactação (39,8%), seguido por dificuldade de pega e sucção (19%), ingurgitamento mamário (14,4%), lesão mamilar (6,6%) e mastite. Abaixo as conduta de enfermagem de acordo com os problemas elencados.

Manejo da lactação - dificuldade de pega e sucção

Define-se por um conjunto de habilidades entre o relacionamento mãe e filho que,

quando realizado de forma correta, leva a uma amamentação efetiva. A conduta consiste em orientar a nutriz quanto ao posicionamento (abdome da criança junto ao abdome da mãe) e pega correta (abocanhar maior parte da região mamilo areolar), e a procurar auxílio em uma unidade de saúde ou BLH, além de suspender o uso de bicos artificiais (BRASIL, 2015).

Ingurgitamento mamário

No ingurgitamento mamário patológico ocorre aumento da vascularização da mama, retenção de leite nos alvéolos, edema e obstrução da drenagem do sistema linfático (BRASIL, 2015). Deste modo, não há passagem do leite dos alvéolos para os ductos lactíferos, ocorrendo o que se chama popularmente de “empedramento”. Os principais sinais e sintomas são calor, dor, edema e na maioria das vezes febre e mal-estar.

Como conduta e tratamento orienta-se aumentar a oferta das mamadas sempre que possível, pois a mama ficará menos densa; ordenhar a mama antes das mamadas para tornar a área mamilo-areolar macia e flexível – facilitando a pega do bebê; realizar a auto palpação das mamas para identificar os pontos de ingurgitamento e a execução de massagem e ordenha manual como forma de alívio. (NALMA, 1998).

Lesão mamilar

A lesão mamilar é uma causa relevante para a interrupção precoce do AM (CERVellini et al., 2014). Essa intercorrência pode ser definida como um ferimento na região da papila mamilar (URASAKI; TEIXEIRA; CERVellini, 2017; PEREIRA et al., 2012), e classificada em escoriações, fissuras, bolhas, erosões e equimoses (COCA et al., 2009).

A conduta terapêutica frente a essas lesões envolve a correção da posição e pega do bebê (BRASIL, 2015); expor os mamilos ao calor seco ou ao ar livre (ABOU-DAKN et al., 2011); aplicar o próprio leite no local, que auxilia na hidratação da região e atua como antimicrobiano (PEREIRA et al., 2012); oferecer primeiramente a mama menos comprometida, e realizar a ordenha manual antes das mamadas para estimular o reflexo da ejeção do leite - evitando que o bebê sugue com muita força e lesione a região mamilar (BRASIL, 2015).

Mastite

A mastite pode ser descrita como uma inflamação presente em uma porção da mama, podendo ou não ser acompanhada de um processo infeccioso. O quadro clínico normalmente é composto por edema, sensibilidade, calor e eritema e por sinais sistêmicos como febre, dor muscular, cefaleia, náusea, etc. (AMIR, 2014).

O manejo da mastite consiste em evitar a estase do leite por meio de sua drenagem/retirada. A conduta de enfermagem envolve orientar à nutriz sobre o aumento da frequência das mamadas do bebê, iniciando-as na mama afetada, e caso não haja o esvaziamento completo da mama, deve-se proceder com a ordenha manual, e ainda, a execução da massagem na direção da área acometida para o mamilo (AMIR, 2014; BRASIL, 2015).

Considerações Finais

O aleitamento materno deve ser promovido, protegido e apoiado por uma equipe solícita, atenta as demandas e dificuldades das nutrizes e de seus bebês, sempre atualizada quanto as condutas assistenciais a serem prestadas durante a lactação.

Referências

ABOU-DAKN, M. et al. Positive effect of HPA Lanolin versus expressed breastmilk on painful and damaged nipples during lactation. *Skin pharmacology and physiology*, Suíça, v. 24, n.1, p. 27-35, 2011.

AMIR, L.H. Managing common breastfeeding problems in the community. *British Medical Association*, Londres, 12 maio de 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CASTRO, L. M. C. P.; ARAÚJO, L. D. S. Aspectos socioculturais da amamentação. In: *aleitamento materno: manual prático*. 2. ed. Londrina: PML, 2006. p. 41- 49.

CERVellini, M. P. et al. Lesões mamilares decorrentes da amamentação: um novo olhar para um conhecido problema. *Revista da escola de enfermagem da USP*. São Paulo, v. 48, n. 2, p. 346-356, abr. 2014.

COCA, K. P. et al. Fatores associados ao trauma mamilar na maternidade. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 85, n. 4, p. 341-345, ago. 2009.

GIL, A.C. Como delinear uma pesquisa documental. In: _____. Como elaborar projetos de pesquisa. 5.ed. Atlas, 2010. cap. 6, p.65-69.

MUNIZ, M.D. Benefícios do aleitamento materno para a puérpera e o neonato: A atuação da equipe de saúde da família. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Formiga, 2010.

NÚCLEO DE ALEITAMENTO MAMÁRIO - NALMA. Como cuidar dos peitos após o parto. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Edição especial. 1998.

PEREIRA, G. S., et al. Nipple fissures healing: a comparative study with breast milk alone and associated solar exposure. *Revista de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí*, v. 1, n. 3, p. 164-169, set.-dez. 2012.

URASAKI, M.B.M.; TEIXEIRA, C.I.; CERVellini, M. P. Trauma Mamilar:

Cuidados Adotados por Mulheres no Pós-parto. *Revista estima*, v. 15, n. 1, p. 26-34, 2017.

Sessão 24 – Texto 196

Desenvolvendo uma Matemática Investigativa

Área Temática: *Educação*

Eduardo de Amorim Neves¹, Thiago Fanelli Ferraiol², Emerson Almeida Soares³, Andressa Vitor Dourado⁴, Matheus Alexsander de Souza Arf⁵

¹Prof. Dpto de Matemática – DMA/UEM, contato: eaneves@uem.br

²Prof. Dpto de Matemática – DMA/UEM, contato: ffferraiol@uem.br

³Aluno do curso de Matemática – Bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: ra47470@uem.br

⁴Aluno do curso de Matemática – Bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: ra98970@uem.br

⁵Aluno do curso de Matemática – Bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: ra103607@uem.br

Resumo: Neste trabalho será abordado a *Investigação Matemática como metodologia de ensino*, a qual foi tomada como referência para a execução de algumas das atividades do projeto de extensão *Teoria e Investigação com Matemática Elementar*, desenvolvidas pelo Departamento de Matemática da UEM (Processo 5307/13 – DEX-UEM). Além de uma breve conceituação teórica, apresentaremos também um relato de uma das atividades aplicadas.

Palavras-chave: *Educação Matemática – Investigação Matemática – Oficinas – TIME.*

1. O surgimento do TIME e suas reformulações

O TIME (Teoria e Investigação com Matemática Elementar) foi criado em 2013 com intuito ser um espaço de preparação e treinamento para alunos interessados em participar de olimpíadas de matemática. Com o tempo as características do projeto foram se ampliando para outros públicos. Com isso, o TIME foi se estabelecendo como um espaço de experiências de aprendizagem e como alternativa ao ensino tradicional (FERRAIOL, NEVES e VIEIRA, 2016)

Para ser coerente com suas propostas de reformulação e de experiências com estratégias didáticas, os integrantes do TIME passaram a estudar algumas das tendências metodológicas atuais. Por conta da característica dos alunos que frequentam o projeto, tendo eles muito interesse por problemas e desafios matemáticos, duas das tendências que mais se adaptavam à nossa realidade eram a de *resolução de problemas* e a de *investigação matemática*. Optamos pela última por ser um pouco mais abrangente, já que ela contempla as etapas da resolução de problemas mas vai além delas, fazendo com que os alunos criem perguntas, formulem conjecturas e façam refutações, tornando evidente o caráter dinâmico do “fazer matemática”. Essa prática, mesmo com matemática elementar, é muito próxima da prática de pesquisa do matemático profissional.

A seguir fazemos uma breve descrição da investigação matemática enquanto metodologia de ensino.

2. Investigação matemática

Podemos definir investigação em matemática como uma procura de relações e propriedades entre objetos matemáticos, conhecidos ou não. Segundo Ponte, Brocardo e

Oliveira (2013) a investigação matemática, enquanto atividade de ensino-aprendizagem, encaminham o "*espírito da atividade matemática genuína*" (ibid., p.23). Em outras palavras, eles veem a investigação matemática como uma forma de levar os alunos a tornar mais concreto aquilo que está no mundo das ideias, de modo que eles criem conjecturas e argumentos para validá-las ou refutá-las, participando assim da construção das ideias matemáticas.

“Na investigação matemática como processo de ensino- aprendizagem, o aluno é chamado a agir como um matemático, não só na formulação de questões e conjecturas e na realização de provas e refutações, mas também na apresentação de resultados e na discussão e argumentação com seus colegas e professor” (ibid., pxx)

Muitos matemáticos consideram que o desenvolvimento dessa nova dinâmica de ensino surge a partir das ideias de George Pólya (ibid., p.15), onde a metodologia presente é a de resolução de problemas. Essa metodologia se pauta na ação do aluno enquanto criador de estratégias para resolver problemas. Para Polya, o aluno precisa “generalizar a partir da observação de casos, argumentos indutivos, argumentos por analogia, reconhecer ou extrair um conceito matemático de uma situação concreta” (ibid.,p.19), ou seja, é necessário criar estratégias e métodos para o desenvolvimento da solução do problema.

Em uma aula de investigação matemática, distinguem-se, de um modo geral, três etapas fundamentais: a formulação da tarefa, o desenvolvimento do trabalho e o momento de síntese e conclusão final. No início da atividade, o professor procura envolver os alunos no trabalho, propondo-lhes uma situação a ser investigada, sem direcionar uma pergunta que se encerre em si própria, mas sim através de questionamentos que abram possibilidade de outras perguntas. Durante a atividade, é preciso acompanhar o trabalho de investigação dos alunos no que diz respeito à formulação de questões, à representação da informação dada, aos ensaios e testes de conjecturas e à procura e elaboração de justificativas. Na fase final, o professor procura saber quais as conclusões a que os alunos chegaram, como as justificam e se tiram implicações interessantes.

Assim, podemos dizer que para o professor conduzir a aula é necessário manter um diálogo com os alunos enquanto eles vão trabalhando na tarefa proposta, e no final cabe-lhe conduzir a discussão coletiva. Ao longo de todo este processo, cria-se um ambiente propício à aprendizagem, estimulando a comunicação entre os alunos e assumindo uma variedade de papéis que favoreçam o seu desenvolvimento.

3. Um exemplo de dinâmica de investigação matemática no TIME

A atividade foi desenvolvida por três professores, que iniciaram montando grupos e entregando uma questão aos alunos. A questão escolhida e adaptada para a atividade foi retirada da prova da segunda fase da OBMEP de 2006 (figura 1).

P. A figura representa o traçado de uma pista de corrida. Os postos *A*, *B*, *C* e *D* são usados para partidas e chegadas de todas as corridas. As distâncias entre postos vizinhos, em quilômetros, estão indicadas na figura e as corridas são realizadas no sentido indicado pela flecha. Por exemplo, uma corrida de 17 km pode ser realizada com partida em *D* e chegada em *A*. Você consegue organizar corridas de outras distâncias?

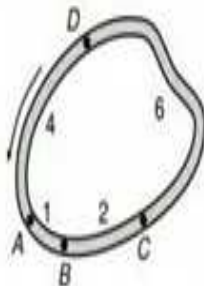


Figura 1 – atividade proposta

A questão trata de uma pista de corrida com postos *A*, *B*, *C* e *D*, cujas distâncias entre eles são dadas. Além disso, o problema traz um exemplo de possibilidade de organizar uma corrida com 17km. A pergunta que se faz na atividade é simplesmente se é possível organizar corridas de outras quilometragens. Uma resposta pragmática é simplesmente “sim, é possível”. No entanto, tal resposta pede uma investigação mais abrangente. A pergunta que naturalmente se segue é: “com quais quilometragens é possível de se organizar corridas nesta pista?”.

Os alunos começam testando alguns casos. Alguns conjecturam que é possível fazer corridas com qualquer quilometragem. Outros, duvidando desta afirmação, pedem que produzam corridas com uma quilometragem grande, por exemplo, com 100km? “Como fazer para organizar tal corrida” é a pergunta que fazem.

Alguns alunos percebem que a volta inteira fornece 13km. Assim, para fazer 100km seriam necessárias 7 voltas completas, dando $7 \times 13 \text{ km} = 91 \text{ km}$, e mais um trecho de 9km. Como o trajeto do posto *A* até o posto *D* é de 9km, uma possibilidade é fazer a corrida começando em *A*, dando 7 voltas completas, e depois seguindo de *A* até *D*, completando os 100km.

Quando esse procedimento é colocado em evidência, outros alunos naturalmente percebem o seu caráter genérico, ou seja, que também pode ser aplicado para outras quilometragens: “Por exemplo: para fazer uma corrida de 200km, basta dividir 200 por 13 e descobrir o número de voltas completas. Com o resto da divisão, descobrimos qual deve ser o posto de partida e de chegada”.

Essa discussão leva naturalmente ao trabalho com o conceito de divisão e com o algoritmo de Euclides. A organização de uma corrida de n quilômetros é obtida através do cálculo $n = 13q + r$, onde q é o resultado da divisão de n por 13, e r é o resto.

Em seguida, é possível explorar se o mesmo ocorre com outras pistas. O que os números 1, 2, 6 e 4, tem de especial? E se os postos tivessem organizados em outra ordem? Será que mesmo assim seria possível organizar tais corridas? Tais perguntas são naturais em um contexto de investigação matemática, proporcionando aos alunos a experiência de agir como um matemático.

5. Conclusão

As atividades atingiram os objetivos de levar à prática alguns métodos de ensino alternativos, que despertam a curiosidade nos alunos, colocando-os no papel de investigadores e produtores do conhecimento matemático. Além disso, as dinâmicas desenvolvidas propiciam a interação com os colegas, mostrando a eles como trabalhar em equipe. Neste processo, a formulação de questões e conjecturas, mesmo que falsas, mostraram ter um grande valor pedagógico, pois além de tornarem evidentes os processos de pensamento de cada um, tais formulações são colocadas sempre em favor de um desenvolvimento do grupo na busca por relações matemáticas entre os objetos estudados.

Referências

BROCARD, Joana; OLIVEIRA, Helia; PONTE, João Pedro. *A aula de investigação*. Investigações Matemáticas na sala de aula. 3 edição - Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2013.

FERRAIOL, Thiago F.; NEVES, Eduardo de A.; VIEIRA, Matheus. *Treinamento Intensivo de Matemática Elementar: Desenvolvendo uma matemática além das contas*. Anais do Forint-UEM, 2016.

POLYA, George. *A Arte de Resolver Problemas*. Rio de Janeiro. Interciência, 1995.

Sessão 24 – Texto 209

Laboratórios de Consultoria Econômico/Financeira - PROCONSULT Área Temática: Educação

Maria de Fátima Garcia¹, Anderson Prudente Francisco²

¹Prof.ª Depto de Economia–DCO/UEM, contato: mfgarcia@uem.br

²Aluno do curso de Ciências Econômicas, bolsista PIBIS/FA–UEM, contato: ander-prudente@hotmail.com

***Resumo.** Este artigo descreve um conjunto de atividades desenvolvidas voltadas para aprendizagem orientada para a prática de consultoria econômico/financeira. Trata-se de uma primeira aproximação ao exercício dessa atividade e teve como ponto de partida breve exploração de referencial teórico acerca de conceitos microeconômicos, partindo posteriormente, para aplicação prática, através de elaboração de planilhas eletrônicas em um software computacional, proporcionando maior controle dos fluxos de entrada e saída do caso abordado nesse projeto.*

***Palavras-chave:** PROCONSULT – Consultoria Econômico– Consultoria Financeira*

1. Justificativa

A atividade de consultoria econômico/financeira constitui um dos campos de trabalho do profissional economista, no entanto, requer uma ampla base teórica e quantitativa por parte daqueles que escolhem esse caminho. Sabemos que apenas as vivências a teorias apresentadas em sala de aula não são o suficiente para atender na formação desse tipo de profissional. É necessário vivencia-la o mais perto possível, possibilitando que os conhecimentos aprendidos sejam sedimentados e assimilados o mais próximo possível da realidade.

2. Objetivos

O objetivo geral do projeto de extensão é o aprendizado e a prática de modo inicial na área de consultoria econômico/financeira. Trata-se de uma atividade de grande importância para quem deseja trilhar o caminho de profissional liberal.

Buscou proporcionar aos(as) acadêmicos(as) do curso de graduação de Ciências Econômicas o estudo introdutório da prática da consultoria econômico/financeira, proporcionando a prática dos conteúdos aprendidos em sala de aula.

Esse projeto também buscou a integração entre estudantes de graduação e pós-graduação, numa contribuição mutua de aprendizado, além de contribuir para a diminuição da evasão de alunos.

Utilizando conhecimentos de finanças e de formação de preço, foram realizadas consultorias em entidades que realizam trabalho assistencial, como por exemplo a Casa Lar Benedito Franchini e a entidade Encontro Fraternal Lins de Vasconcelos, contribuindo assim para a realização do papel social da Universidade, que é a mudança da realidade social em que está inserida.

3. Resultados

Ao iniciarmos o projeto foi necessário entender alguns conceitos microeconômicos, alguns deles essenciais para análise. Para isso foi feito um breve levantamento bibliográfico, alguns pontos importantes encontrados seguem logo abaixo.

Na teoria econômica, referimo-nos o termo firma quando tratamos como uma unidade de negócio, enquanto o termo empresa se trata de uma organização. Desse modo, uma empresa pode ter mais de uma unidade de negócio (firma) participando de diferentes mercados. Cabe destacar que cada firma concorre em um mercado, o que significa que uma empresa pode atuar em diferentes mercados ao mesmo tempo.

A teoria econômica considera as seguintes variáveis ao classificar os tipos de mercado: quantidade de vendedores e compradores, influência sobre a formação dos preços, tipo do produto, mobilidade de recursos, barreiras à entrada e à saída de novos competidores e conhecimento das informações do mercado (SILVA, 2007).

O modelo mais simples de mercado é a concorrência perfeita. Essa estrutura de mercado é caracterizada por não haver firmas nem consumidores que influenciam a formação de preços individualmente. Cada firma tem a decisão de fabricar apenas o mesmo produto, já que ele é homogêneo. Com isso a decisão de compra do consumidor está relacionada a quantidade de substitutos e complementares existentes. Nesse modelo um indivíduo não é capaz de influenciar sozinho o preço de mercado. Considera-se também que todos os agentes detêm pleno conhecimento das informações relacionadas à transação econômica e não há barreiras à entrada e à saída, permitindo livre mobilidade dos recursos e do capital e a existência de um produto homogêneo, segundo a percepção do consumidor.

Como pode-se saber, essa estrutura de mercado (concorrência perfeita) é muito pouco observado na prática. Sendo mais observado a ocorrência do modelo a seguir:

Quando as pequenas firmas se tornam grandes, ocorre uma modificação na estrutura de mercado, começam a surgir barreiras à entrada e à saída. Como são poucos, elas têm uma certa influência nos preços, dependendo de sua estratégia de maximização e da sua interação com os demais competidores. A decisão de qual preço cobrar dependerá do movimento do concorrente. Essa estrutura de mercado é denominada oligopólio, como exemplo são as indústrias siderúrgica, automobilística, de celulose, geralmente indústrias intensivas em capital (SILVA, 2007).

Durante o projeto de extensão, foram realizados trabalhos de consultoria em duas entidades assistências que estão instaladas na cidade de Maringá.

3.1 Casa Lar Benedito Franchini

A Casa Lar Benedito Franchini foi a primeira entidade a ser trabalhada. Ela é um local de abrigo de longa permanência destinado a idosos sem vínculo familiar e/ou vitimizados por violação de seus direitos.

Procurou-se fazer um controle detalhado das receitas e despesas de cada idoso, no qual a entidade possui controle de suas contas bancárias.

Para esse controle foram utilizadas várias tabelas de um software de planilhas eletrônicas, sendo cada aba dessa planilha destinada a um idoso onde consta todas as receitas (aposentadorias) e despesas mês a mês.

Tabela 1: Controle financeiro – Casa Lar Benedito Franchini

	01/04 a 30/04/16	01/05 a 31/05/16	01/06 a 30/06/16	01/07 a 31/07/16	01 a 31/08/16
Responsável					
Espécie	BPC/IDOSO	BPC/IDOSO	BPC/IDOSO	BPC/IDOSO	BPC/IDOSO
Valor Recebido	R\$ 880,00	R\$ 880,00	R\$ 880,00	R\$ 880,00	R\$ 880,00
Despesa Mensal	R\$ 277,38	R\$ 1.026,94	R\$ 559,99	R\$ 1.082,57	R\$ 891,74
Descrição da Despesa	Medicações pago em dinheiro, pães integrais, yorgute, PTS, toalha e fronhas	Roupas de frio, medicações e produto de uso pessoal, tranf. Bancária	Colchão de ar, aparelho de pressão digital, alimentos especiais e de uso pessoal	Rádio portátil, farmácia, espessante, copo com bico	Exames, cereais, produtos de uso comunitário.
Saldo C/P início do mês	R\$ 52.762,63	R\$ 53.724,24	R\$ 53.905,79	R\$ 54.611,17	R\$ 54.884,17
Saldo C/P fim do mês	R\$ 53.724,24	R\$ 53.905,79	R\$ 54.611,01	R\$ 54.781,17	R\$ 55.155,20
Saldo Unidade	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00

Por motivo de espaço foram omitidos alguns meses da tabela. Por motivos de sigilo foram apagados (quadro negro) os nomes dos responsáveis de cada idoso.

Foram feitas várias planilhas conforme o modelo, isso proporcionou um melhor controle das receitas e despesas, além de proporcionar um acompanhamento anual individualizado, podendo inclusive ser notados erros pequenos de digitação.

3.2 Encontro Fraternal Lins de Vasconcelos

A segunda entidade a ser realizado o trabalho foi a Encontro Fraternal Lins de Vasconcelos. Ela atende famílias e jovens em situações de vulnerabilidade econômica, prestando serviços de assistencialismo e profissionalizante.

Foram discutidos alguns temas introdutório de cunho econômico, demonstrando teórico e graficamente como se dá a formação de preços em uma economia que possui concorrência perfeita entre as firmas. Foram discutidos como se dá a formação de preços quando não há concorrência perfeita (monopólio, oligopólio), e quais preços são controlados pelo governo.



Imagem1: Alunos que participaram da palestra sobre formação de preços e economia doméstica.

Foi realizado também, uma discussão sobre como fazer um planejamento de compras de bens duráveis, para isso foi demonstrando como é feito um planejamento

financeiro pessoal, e seus benefícios em tela.

3.3 Oficina de perícia econômico-financeira

Ao longo do projeto também foi realizado uma oficina de perícia econômico/financeira. Teve como seu objetivo apresentar noções básicas de perícia aos acadêmicos do curso de graduação de ciências econômicas. Além de demonstrar para os acadêmicos mais uma área em que o profissional economista pode atuar como profissional liberal.

Para a realização da oficina foi convidado o economista Marcos Kruse, que também é coordenador do Núcleo de Peritos e Auditores Econômico-Financeiros do CORECON/PR.

Atividade Pericial É Tema De Palestra Na UEM

14/05/2007



O economista e conselheiro do CORECON/PR, Marcos Kruse, ministrou palestra sobre Atividade Pericial para os alunos da Universidade Estadual de Maringá, na última sexta-feira, dia 26 de maio. A palestra, com duração de 3 horas, atraiu a atenção de 46 estudantes do curso de economia.

Marcos Kruse, que coordena no CORECON/PR o Núcleo de Peritos e Auditores Econômico-Financeiros, procura despertar o interesse dos acadêmicos para a atuação na área de perícia, uma das mais promissoras no mercado de trabalho do economista.

Imagem 1: oficina de perícia econômico-financeira realizado através do projeto PROCONSULT.

4. Referências

SILVA, Christian Luís. Microeconomia Aplicada- Entendendo e desenvolvendo os pequenos grandes negócios. Curitiba: Ed Juruá, 2007.

Sessão 24 – Texto 083

Avaliação de aprendizado dos participantes de uma tarde de campo sobre ovinos

Área Temática: Tecnologia e Produção

Stella M. T. Tironi¹, Karen T. Akashi², Luan S. Silva³, Bruna L. C. Catussi⁴, Leopoldo C. B. Inácio⁵, Adriana A. Pinto⁶, Antonio C. Martinez⁶

¹Aluna do Mestrado em Produção Sustentável e Saúde Animal e bolsista do Projeto de Extensão/Fundação Araucária - UEM, contato: smttironi@hotmail.com

²Médica veterinária e bolsista do Projeto de Extensão/Fundação Araucária - UEM, contato: tiemi.a@hotmail.com

³Aluno do curso de Medicina veterinária, bolsista do Projeto de Extensão/Fundação Araucária - UEM, contato: luan-sito08@hotmail.com

⁴Aluna do curso de Medicina veterinária – UEM, contato: brunacatussi22@hotmail.com

⁵Aluno do Mestrado em Produção Sustentável e Saúde Animal -UEM, contato: leopoldo.inacio@hotmail.com

⁶Prof.º Depto de Medicina Veterinária – DMV/UEM, contato:acmartinez@uem.br; Contato: aapinto@uem.br

Resumo. *A ovinocultura está em constante crescimento no Brasil. Entretanto, para se obter um bom manejo das criações, etapas como a identificação do rebanho e o controle zootécnico precisam ser inseridas nos sistemas de criação. Uma tarde de campo foi realizada em Umuarama – PR, com o objetivo de esclarecer sobre esses assuntos. Os participantes receberam um questionário, contendo 5 perguntas, com assuntos que seriam discutidos durante a tarde de campo. Ao final das apresentações, esse mesmo questionário foi entregue aos participantes. Com os dados obtidos ao final, foi possível saber o nível de esclarecimento sobre os assuntos abordados. O objetivo do estudo foi avaliar se o questionário pode ser utilizado como forma de avaliação de entendimento dos participantes de uma tarde de campo.*

Palavras-chave: ovinocultura – produção – questionário

Introdução

A criação de ovinos é uma prática realizada em diversas regiões do mundo devido a capacidade de adaptação desses animais sob as mais variadas condições edafoclimáticas (XIMENEZ; CUNHA, 2012).

O rebanho de ovinos no Brasil em 2015 foi de 18,41 milhões de animais, com uma variação de 4,5% em relação a 2014, onde esse aumento vem sendo demonstrado desde 2012 (IBGE, 2015). Segundo o DERAL (2017), órgão da Secretaria da Agricultura do Estado do Paraná, o Paraná conta com quase 615 mil ovinos, sendo o sétimo maior rebanho nacional e o segundo maior produtor de lã.

Para se conseguir um bom manejo das criações algumas etapas precisam ser inseridas nos sistemas de criação. Os modelos de identificação possibilitam individualizar os animais do plantel e, a partir daí, acompanhar seu desenvolvimento e índices zootécnicos. Estes sistemas vão desde nomes em rebanhos pequenos, até equipamentos como chips com códigos eletrônicos. Com os animais individualizados, tornam-se mais

fáceis e ágeis os procedimentos nos diferentes manejos, como: descarte, desmama, reposição e outros (MARSÃO, 2008).

Sendo assim, o objetivo da tarde de campo foi divulgar os conhecimentos sobre o controle zootécnico e a identificação dos animais. E o objetivo do estudo foi avaliar se o questionário pode ser utilizado como forma de avaliação de entendimento dos participantes da tarde de campo.

Material e métodos

A tarde de campo foi realizada dia 11 de Agosto de 2017, na propriedade São João, localizada no município de Umuarama – PR. A organização do evento faz parte do projeto “Produção Sustentável e Estruturação da Cadeia de Ovinos de Corte”, projeto este financiado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Paraná.

Estiveram presentes ovinocultores da região, alunos de graduação, profissionais de ciências agrárias e interessados em ovinocultura.

Após a realização da inscrição, os participantes receberam um questionário, com 5 perguntas (FIGURA 1), com assuntos que seriam discutidos durante a tarde de campo. Foram realizadas 37 inscrições, sendo 26 questionários distribuídos para os inscritos não participantes da organização do evento.

FIGURA 1: Questionário apresentado durante a tarde de campo

QUESTIONÁRIO – 1 Tarde de Campo 2017

1- Quais opções de identificação para ovinos você conhece?

A- brinco de orelha B- colar com chapinha de metal
B- marca a fogo F- nitrogênio líquido
C- colar de corda com brinco G- tatuagem
D- colar de arame com brinco

2- Até quantas matrizes pode ter por reprodutor?

A- 10 matrizes por reprodutor D- 50 matrizes por reprodutor
B- 20 matrizes por reprodutor E- 100 matrizes por reprodutor
C- 85 matrizes por reprodutor

3- Quando uma ovelha é descartada?

A- magra, somente D- carcelão leve na desmama
B- idade/identificação E- verminose sempre alta
C- não perla nos últimos 2 anos

4- Sabe por que acontece (trau)gnatismo e prognatismo?
(marclicula para frente ou para trás)

A- nascimento de gêmeos C- verminose
B- consangüidade D- trauma durante a gestação

5- Qual é uma boa idade para desmamar o cordeiro?

A- 1 mês de idade D- 90 dias
B- 45 dias E- quando a ovelha secar
C- 60 dias

Os assuntos foram ministrados em duas estações distintas, com tempo aproximado de meia hora em cada uma, que foram apresentados pelas duas veterinárias recém-formadas, responsáveis pelo projeto de extensão.

Logo após as apresentações, esse mesmo questionário era entregue aos participantes. Com isso, foi possível saber o nível de esclarecimento sobre os assuntos abordados durante a tarde. Nesse questionário, o participante poderia marcar todas, algumas ou nenhuma resposta, conforme julgasse correto.

Resultados e discussão

Tabela 1. Resultados obtidos nos questionários pré e pós tarde de campo

Resposta	Opção	Pré (%)	Pós (%)
1- A	Correta	100	100
1- B	Errada	5,2	0
1- C	Correta	63,1	81,0
1- D	Correta	31,6	81,0
1- E	Correta	41,1	71,4
1- F	Errada	0	0
1- G	Correta	42,1	33,3
2- A	Errada	10,5	0
2- B	Errada	31,6	4,8
2- C	Correta	36,8	76,2
2- D	Correta	10,5	52,4
2- E	Errada	5,3	0
3- A	Errada	5,3	23,8
3- B	Correta	68,4	76,2
3- C	Correta	89,5	85,7
3- D	Correta	42,1	71,4
3- E	Correta	31,6	95,2
4- A	Errada	10,53	9,5
4- B	Correta	42,11	85,7
4- C	Errada	10,53	4,7
4- D	Errada	26,32	14,2
5- A	Errada	5,26	0
5- B	Correta	26,32	76,1
5- C	Errada	31,58	19
5- D	Errada	31,58	9,5
5- E	Errada	5,26	0

Com relação à questão 1, após a tarde de campo, nenhum dos participantes marcou as respostas B e F, que estavam incorretas, o que nos leva a crer que as formas de identificação dos animais foi esclarecida.

Na questão 2, sobre a quantidade de matrizes que um reprodutor pode ter,

apenas 4,7% dos participantes marcaram a resposta B, que estava incorreta. Do total, 76,1 e 52,3% dos participantes marcaram as repostas, C e D, que eram as respostas corretas. O que indica também que essa questão foi esclarecida para grande parte dos participantes.

Sobre ovelhas descarte, na questão 3, as respostas corretas B, D e E aumentaram após as explicações. Entretanto, a resposta A (incorreta) também aumentou. Isso pode ter ocorrido por erro de interpretação, já que ovelhas sempre magras também podem ser consideradas como descarte. Entretanto, não se justifica descartar ovelhas magras se esse escore de condição corporal for momentâneo.

Na questão 4, tratamos sobre consanguinidade e suas consequências (o braquignatismo e o prognatismo). A quantidade de participantes que marcaram essa resposta como correta dobrou, de 42,1% para 85,7%, o que é um bom resultado. Entretanto, 9,5%, 4,7% e 14,29% ainda marcaram as questões A, C e D, o que nos mostrou que o esclarecimento sobre a causa desses sinais não foi tão bem realizado.

Sobre o período do desmame dos animais, 76,1% dos participantes responderam a alternativa correta, letra B.

No geral, houve um aumento das respostas corretas e diminuição das respostas erradas, o que nos confirma o aprendizado obtido pelos participantes da tarde de campo.

Conclusão

A realização do questionário pré e pós apresentação da tarde de campo foi de grande valia. Com os dados obtidos nas respostas ao final do dia, pudemos concluir que o questionário é uma técnica rápida, prática e válida para avaliar o esclarecimento do assunto abordado em um dia de campo.

Referências

DERAL: *Números da pecuária Paranaense*: Ano de 2017. Disponível em < <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/nppr.pdf>> Acessado em 02/09/2017.

IBGE. *Produção da pecuária municipal*, 2015. Rio de Janeiro, v. 43, p.1-49, 2015.

MARSÃO, D. J. M; GONÇALVES, A. C.. Sistema de identificação de ovinos, 2008. Disponível < <https://www.milkpoint.com.br/radar-tecnico/ovinos-e-caprinos/sistemas-de-identificacao-de-ovinos-46482n.aspx>> Acessado em: 31/08/2017.

XIMENES, L. J. F.; CUNHA, A. M. da. *Setor de Peles e de couros de caprinos e de ovinos no nordeste*. Banco do Nordeste, Ano VI, n. 1, 22 p. mar. 2012. Disponível em:. Acesso em: 15/08/2017.

Sessão 24 – Texto 211

Educação financeira sustentável: uma análise dos resultados no período de 2014 a 2016 Área Temática: Educação

Carla Fernanda de Barros¹, Caroline Zamboni Oliveira², Antonio Zotarelli³

¹Assistente social da PRH/DCT – UEM, contato: carlafernanda2012@bol.com.br

²Aluna do curso de Ciências Econômicas, bolsista DEX/UEM, contato: czambonioliveira@gmail.com

³Prof. ^a Depto de Ciências Econômicas, DCO/UEM, contato:azotarelli@uem.br

***Resumo.** Após a identificação dos níveis de endividamento dos servidores na Universidade Estadual de Maringá, o projeto "Educação Financeira Sustentável: base para a prosperidade" inicia suas atividades em outubro de 2007. Por meio dele oportunizam-se cursos, palestras, seminários e consultorias visando à reflexão dos aspectos de uma vida financeira saudável. Com a necessidade de averiguar os benefícios que foram gerados pelo curso à população, assim como a opinião e satisfação de seus participantes, aplicam-se questionários em que abordam questões como o atendimento a suas expectativas, os conhecimentos que os participantes já detinham, os conhecimentos transmitidos pelo curso e a aplicabilidade à vida prática e profissional. Visando melhorar a qualidade de vida dos participantes, elaboram-se questionários para avaliar o desempenho do projeto e, para desenvolver-se levando mais conhecimento e auxílio à comunidade.*

***Palavras-chave:** Projeto de vida - finanças pessoais - educação financeira.*

1. Introdução

O Projeto de Extensão Educação Financeira Sustentável: base para a prosperidade iniciou suas atividades na Universidade Estadual de Maringá-UEM, no ano de 2007, após identificação dos índices de endividamento dos seus servidores. A construção do projeto teve como base a experiência realizada na Itaipu Binacional em Foz do Iguaçu - PR, e após as devidas adequações à realidade institucional da UEM foi aprovado sob nº 15.137/2007, em 30/10/2007. Tem por objetivo apresentar à comunidade universitária e seus familiares, assim como à comunidade externa em geral, estratégias e informações visando à administração das finanças pessoais e o conseqüente equilíbrio orçamentário. Dentre as estratégias utilizadas pelo Projeto para atingir os objetivos propostos encontra-se a realização de cursos, palestras e consultorias individuais e até mesmo a toda família, onde são trabalhados temas relacionados aos modelos financeiros e fatores que interferem na vida financeira familiar. Esses modelos financeiros, segundo EKER (2006), desenvolvem-se na infância, até os cinco anos de idade, por força de três influências: a) pela programação verbal em função do que se ouvia quando criança; b) pelo exemplo, dado o que se via quando criança; e c) pelos episódios específicos, isto é, que experiências viveram quando crianças. Essas influências, quando vistas sob o aspecto positivo se transformam em "crenças positivas" e, caso contrário, em "crenças negativas", influenciando assim o modelo de dinheiro que se carrega pelo resto da vida. Nessa linha de atuação o curso procura abordar os mecanismos de conscientização no sentido de construção e/ou desconstrução dos modelos apreendidos durante a vida,

introduzindo conceitos e práticas da elaboração de projetos de vida, do orçamento familiar, de cidadania, do consumo consciente e finalmente noções e conhecimentos das alternativas de investimentos disponíveis no mercado, sempre com objetivo da formação de um patrimônio financeiro de longo prazo que venha complementar a renda familiar no período de inatividade.

Os treinamentos são realizados com duração de 16 horas aula, em cinco módulos assim distribuídos: 1) modelos e fatores interferem na vida financeira; 2) repensando valores e conceitos preconcebidos; 3) introdução e elaboração do projeto de vida; 4) noções básicas sobre os direitos do consumidor, orçamento familiar, cidadania e consumo consciente; e 5) noções de investimentos.

O material utilizado constitui-se de uma apostila, contendo os slides utilizados pelos facilitadores, recomendação do estudo do livro “Os segredos da mente milionária” e, em anexo, planilhas para auxiliar no controle das contas além de textos complementares.

Diante do exposto este artigo compõe-se de três seções incluindo esta introdução. Na seção dois apresenta-se as análises e discussões dos resultados das atividades desenvolvidas nos anos de 2014, 2015 e 2016 e finalmente as considerações finais.

2. Análise e discussão

Nesta seção analisa-se o instrumento de avaliação dos cursos ministrados nos anos de 2014 a 2016, aplicados nas turmas de números 13 a 22, sendo compostos por questões objetivas e subjetivas onde os participantes respondiam sem serem identificados.

Durante o período, foram realizados 10 cursos pelo projeto e ao final aplicou-se os questionários de avaliação. As questões procuravam aferir o grau de satisfação dos participantes quanto às expectativas, aos conhecimentos que os mesmos detinham antes do curso, à aplicabilidade à vida prática e profissional de cada participante e, também quanto ao conhecimento transmitido pelo curso.

Na tabela 1, a seguir, têm-se as médias em percentual, acerca dos cursos realizados nos respectivos anos apresentados.

Tabela 1 – Apresentação de resultados, em porcentagem, dos questionários aplicados.

Ano		2014	2015	2016
Atendimento às expectativas dos participantes	Atendeu	96,81	92,66	96,43
	Deixou a desejar	3,20	5,25	3,57
	Não atendeu	0,00	2,09	0,00
Conhecimentos que os participantes detinham	Dominam	3,80	0,00	0,00
	Tem bons conhecimentos	38,17	36,02	29,64
	Poucos	56,17	58,21	68,57
	Nenhum	2,73	5,78	1,79
Aplicabilidade à vida prática e profissional	Ótimo	78,76	63,29	61,91
	Bom	20,38	34,11	38,10
	Regular	0,86	2,60	0,00
Conhecimento transmitido pelo curso	Ótimo	77,27	64,30	56,91
	Bom	22,74	33,88	43,10
	Regular	0,00	1,82	0,00

Analisando os dados dispostos pode-se notar que o curso atende em sua maioria as expectativas dos participantes, indicando que os temas abordados durante o curso, estão em consonância com as necessidades apresentadas pelo público atendido. A maioria deles, cerca de 60% afirmam que detém poucos conhecimentos sobre os assuntos abordados nos cursos, refletindo uma realidade em que a maioria dos brasileiros não tem acesso à educação financeira fora do ambiente familiar. Mesmo com todos os percalços inflacionários e desestabilidade econômica pelo qual o país sempre esteve inserido, o tema nunca avançou como parte de uma educação formal ou mesmo construída como uma política pública. Na questão da aplicabilidade à vida prática e profissional, verifica-se que nos três anos analisados, mais de 60% compreende a importância em se discutir assunto, inclusive utilizando tais informações e conhecimentos em sua vida cotidiana. E finalmente analisando o item “conhecimento transmitido pelo curso”, nota-se que mais da metade dos participantes avalia como “ótimo”, levando a equipe do projeto, refletir sobre a necessidade de qualificação permanente, pois o nível de exigência dos participantes é cada dia maior.

3. Considerações finais

O Projeto de Extensão objeto do presente artigo visa levar à comunidade interna e externa à UEM conhecimentos de educação financeira. Sua contribuição verificada no período analisado são considerados satisfatórios, pois auxiliam a comunidade sobre suas finanças pessoais a ter uma básica noção de como gerenciar sua renda e formar um patrimônio pessoal. Como analisado no presente artigo, os cursos ministrados nos períodos de 2014 a 2016 melhoraram em sua qualidade, como vem ocorrendo desde sua criação. O número de pessoas que não detém conhecimentos sobre os temas tratados no curso também se elevou no decorrer do período analisado, o que demonstra que a comunidade tem interesse e necessidade pelo tema e busca esclarecimentos e aprimoramentos sobre ele. Relativamente ao atendimento às expectativas e a aplicabilidade à vida prática e profissional dos participantes se manteve acima de 90% em todos os períodos analisados, o que nos leva a crer sobre a importância em disseminar o assunto e discuti-lo nas mais variadas instâncias.

Referências

EKER, T. Harv. *Os segredos da mente milionária*. Tradução Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

EWALD, Luis Carlos. *Sobrou dinheiro! Lições de economia doméstica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Relatórios anuais do Projeto de Extensão nº 15.137/2007, disponibilizados pela DEX, 2014, 2015 e 2016.